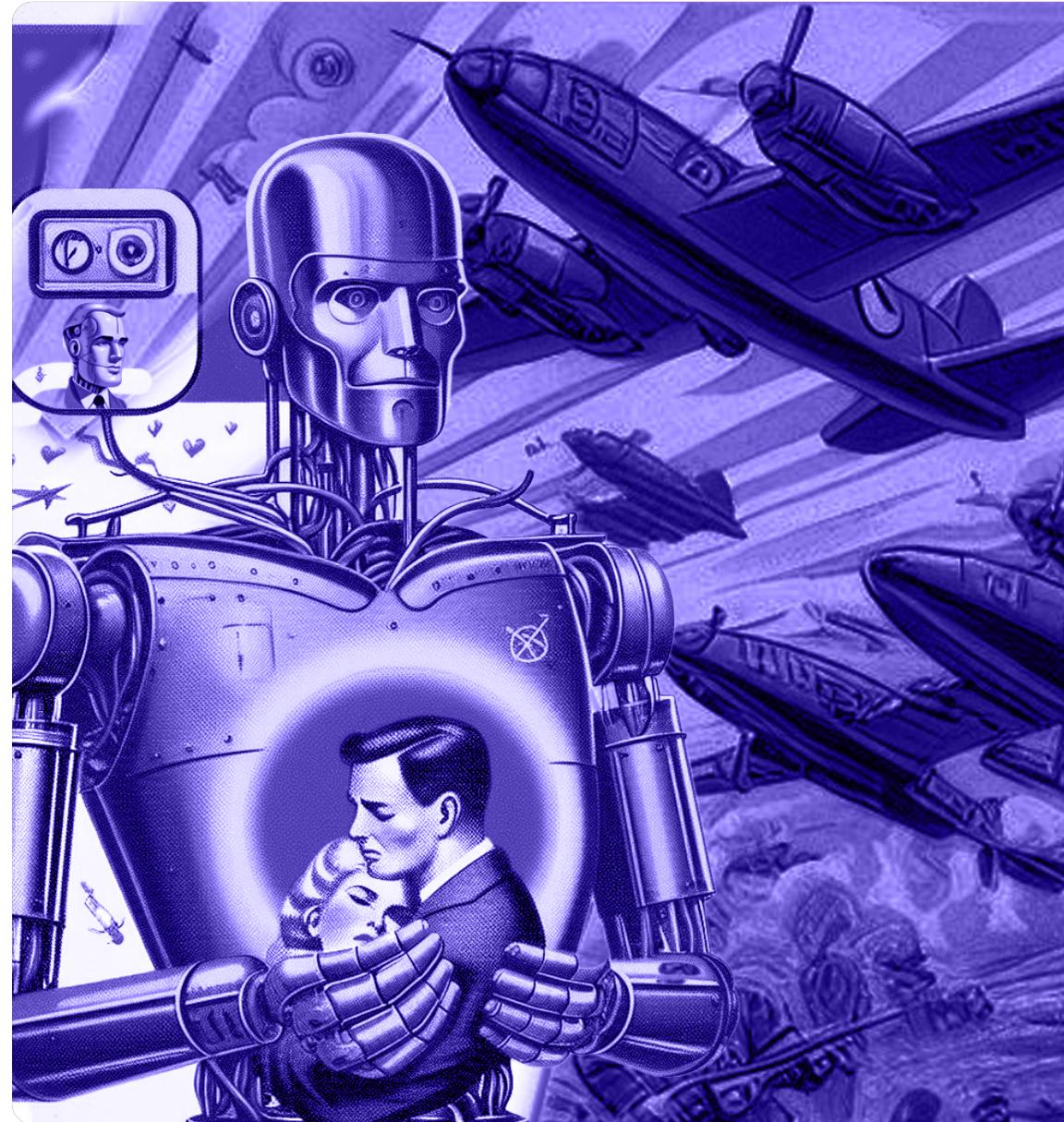




OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ASSESSORIA
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO
2024

um mundo humano, artificialmente real.

INTELIGÊNCIA HUMANA,
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

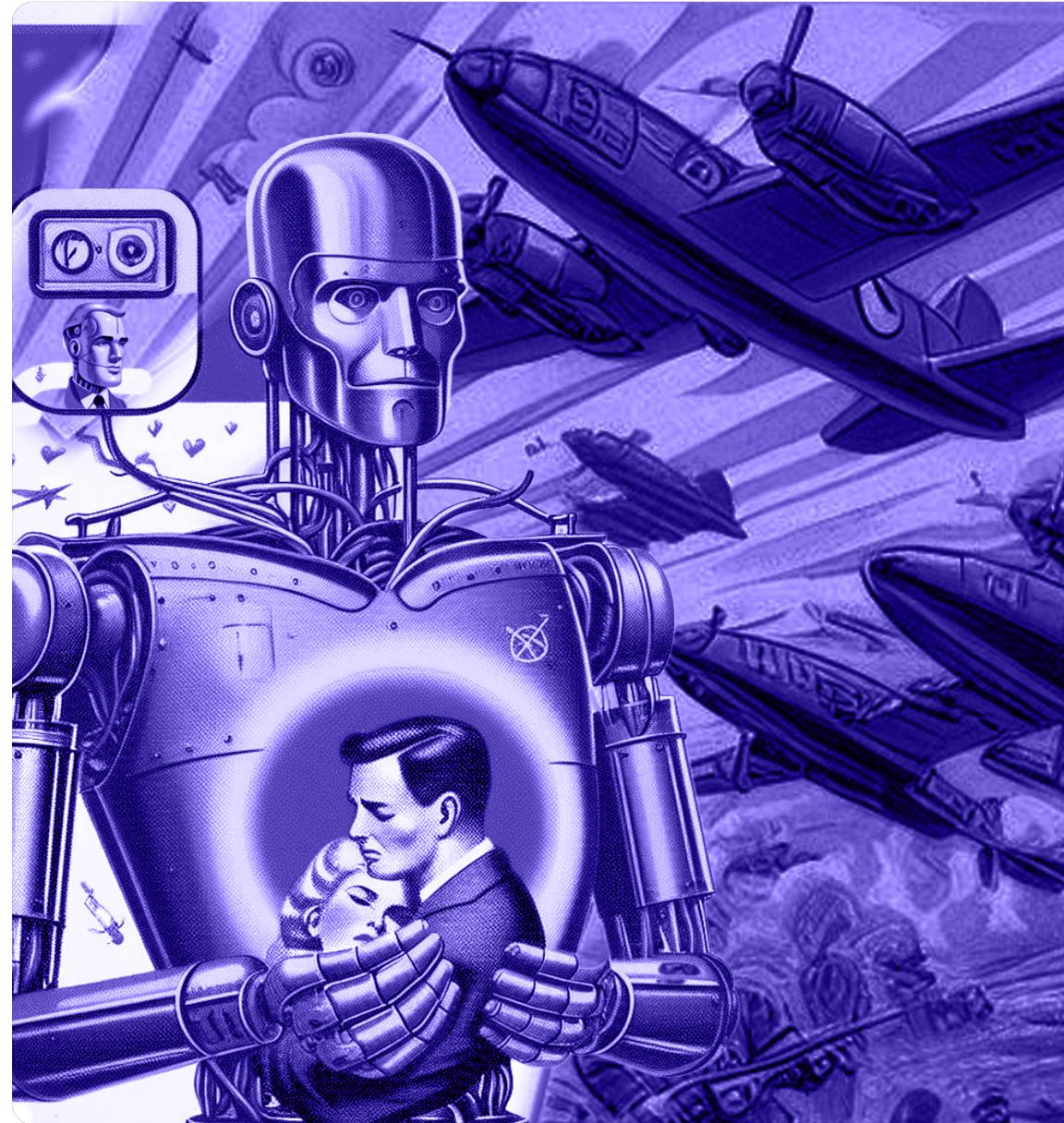


05

LUIZ EDUARDO
SOARES

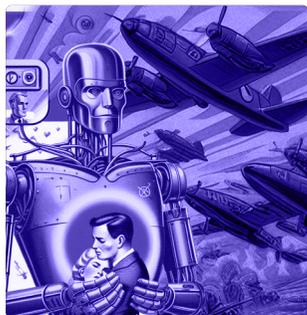
AMOR E VIDA,
ÓDIO E MORTE.
VIOLÊNCIA,
AGRESSIVIDADE,
CRUELDADE.

um mundo humano, artificialmente real.
INTELIGÊNCIA HUMANA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.





OFICINA DE PERGUNTA CONSULTORIA E ASSESSORIA
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO - CPF DO SESC SÃO PAULO
2024



um mundo humano, artificialmente real.

INTELIGÊNCIA HUMANA,
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.

Ciclo de onze palestras que debatem sobre conhecimento humano e conhecimento artificial (existe?). Reflexões sobre inteligência humana e artificial em áreas como: humanidade e tecnologia; povos originários; mundo e metamundo; economia; amor e ódio, vida e morte, guerra e paz; consciência natural e inconsciência artificial; arquitetura e urbanismo; população, alimentação, fome; comunicação, informação, comportamento; educação, criação e transmissão de conhecimento; leis, legislações, justiça: como separar o real do artificial?

Ciclo idealizado pela professora Terezinha Azerêdo Rios e pelo jornalista Fernando Rios.

PALESTRAS, PALESTRANTES E MEDIADORES

A AVENTURA DO CONHECIMENTO

Palestrante: Thiago Alixandre

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

O CONHECIMENTO DOS POVOS ORIGINÁRIOS.

Palestrante: Cristine Takuá

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

MUNDO E METAMUNDO

Palestrante: Rodrigo Murta

Palestrante: Dora Kaufman

Mediador: Sérgio Luiz Lugan Rizzon

ECONOMIA: AUMENTA A DISTÂNCIA ENTRE CAPITAL E TRABALHO. NO MEIO, OS ROBÔS.

Palestrante: Marcio Pochmann

Mediador: Leonardo Nelmi Trevisan

AMOR E VIDA; ÓDIO E MORTE. VIOLÊNCIA, AGRESSIVIDADE, CRUELEDADE.

Palestrante: Luiz Eduardo Soares

Mediadora: Sanny Silva da Rosa

CONSCIÊNCIA NATURAL E INCONSCIÊNCIA ARTIFICIAL? O CORPO NATURAL NUMA MENTE ARTIFICIAL?

Palestrante: Marília Duque

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

ARQUITETURA E URBANISMO.

CASAS E CIDADES REAIS E DIGITAIS.

Palestrante: Joice Berth

Moderador: Dal Marcondes

POPULAÇÃO, ALIMENTAÇÃO, FOME, SAÚDE. COMIDA NATURAL OU ARTIFICIAL?

Palestrante: Lucia Helena Oliveira

Moderador: Dal Marcondes

COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO, COMPORTAMENTO, ARTE. O CONSUMO E A CRIAÇÃO DE MODELOS DE COMPORTAMENTO.

Palestrante: Fernanda dos Santos Rodrigues Silva

Mediadora: Terezinha Azerêdo Rios

EDUCAÇÃO: A ARTIFICIALIDADE DA NATUREZA EDUCATIVA.

Palestrante: Fernando José de Almeida

Mediadora: Sabrina da Paixão Brésio

LEI E JUSTIÇA PARA HUMANOS E ROBÔS. A FAVOR DO TRABALHO OU DO CAPITAL?

Palestrante: Guilherme Forma Klafke

Mediador: Danilo Cymrot

O que compõe a inteligência na era da artificialidade tecnológica?

A humanidade vivencia um salto tecnológico sem precedentes. Desde o desenvolvimento industrial, a velocidade com a qual os meios e as técnicas se modificam, criando espacialidades, formas de interação, de produção e reprodução, nos desafia a acompanhar as transformações que ocorrem também nas relações humanas e na produção de conhecimento.

Em face da virtualidade advinda da era digital, que redefine os fenômenos de tempo-espço, fragmenta fronteiras e idiomas, alcança galáxias ao mesmo tempo em que investiga em nível nanoscópico a biosfera, como nos posicionar e compreender as interações entre o que é material e as novas formas de pensar o humano, a partir da interferência desta artificialidade virtual? Mobilizados por estas questões-geradoras, o ciclo *Um mundo humano, artificialmente real* se debruça sobre diversas áreas do conhecimen-

to, como economia, alimentação, arquitetura, antropologia, direito, filosofia, artes, para tatear potenciais respostas sobre o atual fenômeno em que nos vemos inseridos: a chamada inteligência artificial e a sociedade hiperconectada.

Com a proposição dos educadores Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios, o ciclo foi realizado pelo Centro de Pesquisa e Formação – CPF do Sesc e contou com onze encontros realizados, de outubro a novembro de 2023, na modalidade *online*. No evento, pesquisadores e professores foram mobilizados a pensar as interrelações da inteligência artificial – IA e do desenrolar tecnológico em diferentes campos do saber, assim como seu impacto nos modos de criar e produzir conhecimento. Os encontros articularam temas transversais que conectam as esferas da produção humana no campo das artes, das técnicas, da economia e dos territórios, e as intervenções entre o que é huma-

LUIZ DEOCLECIO
MASSARO GALINA
DIRETOR DO SESC SÃO PAULO

no e o que é artificial, tensionando o que podemos compreender como "conhecimento artificial (IA)" e o "conhecimento orgânico (pensamento)". A presente publicação, coerente com o empenho do Sesc em promover a democratização sociocultural, disponibiliza a transcrição das palestras, com a finalidade de ampliar o acesso aos temas debatidos e contribuir com a atualidade da discussão.

Uma boa leitura.



SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO ADMINISTRAÇÃO REGIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL
Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL
Luiz Deoclécio Massaro Galina

SUPERINTENDENTES
TÉCNICO-SOCIAL
Rosana Paulo Cunha
COMUNICAÇÃO SOCIAL
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves
ADMINISTRAÇÃO
Jackson Andrade de Matos
ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO
Marta Raquel Colabone

GERENTES
GERÊNCIA DE ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO
Joao Paulo L. Guadanucci
ARTES GRÁFICAS
Rogerio Ianelli
CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO
Andréa de Araújo Nogueira
EQUIPE SESC
Maurício Trindade da Silva, Rosana Elisa Catelli, Flávia Rejane Prando, Juliana Silva dos Santos, Marcos Toyansk Silva Guimaraes, Danilo Cymrot, Sabrina da Paixão Brésio.

**UM MUNDO HUMANO, ARTIFICIALMENTE REAL.
INTELIGÊNCIA HUMANA, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL.**

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL
Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios

COPIDESQUE, EDIÇÃO E NOTAS
Fernando Rios

REVISÃO
Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS
Cristine Takuá
Dora Kaufman
Fernanda dos Santos Rodrigues Silva
Fernando José de Almeida
Guilherme Forma Klafke
Joice Berth
Lucia Helena Oliveira
Luiz Eduardo Soares
Marcio Pochmann
Marília Duque
Rodrigo Murta
Thiago Alixandre

MEDIADORES
Dal Marcondes
Danilo Cymrot
Leonardo Nelmi Trevisan
Sabrina da Paixão Brésio
Sanny Silva da Rosa
Sérgio Luiz Lugan Rizzon
Terezinha Azerêdo Rios



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Almeida, Fernando José de
Um mundo humano, artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial.
[livro eletrônico] : conversas sobre ética 1 / Renato Janine Ribeiro. -- São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo : Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2021.
PDF.
ISBN 978-65-87592-02-2
1. Ética (Moral filosófica) 2. Filosofia
3. Imoralidade 4. Moral I. Título.

22-8486 CDD-1712

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética : Aspectos morais : Filosofia 1712
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Conhecimento e inteligência entre humanos e robôs

**O pensamento parece uma coisa à toa
Mas como a gente voa quando começa a pensar**
LUPICÍNIO RODRIGUES

I Conhecimento e inteligência artificial. Do natural para o artificial. Nos tornamos humanos quando nos afastamos da natureza? A tecnologia está nos fazendo perder completamente nossa naturalidade? Robôs/coisas pensarão por nós? Serão eles os donos da humanidade? E nós, humanos, e nós humanidade, o que seremos?

II Um mundo humano é real ou artificial? Sua realidade se manifesta na construção do artificial. A cultura, intervenção na natureza, é construção "feita com arte". Artifício quer dizer 'fazer com arte'. Então todo o mundo humano-cultural é artificial. Temos feito com arte, ciência, técnica, tecnologia. E educação, o principal artifício que move as humanidades.

III Transformando e partilhando a cultura, construímos a história, que se faz no presente, no qual se entrecruzam passado, como tradição e memória, e futuro, como projeto. Entretanto, temos abandonado o passado e destruído o presente. Tudo muito rápido. O futuro tem pressa, muita pressa... Ele nos atropela. Nosso engenho e nossa arte transformaram o Pitecantropos erectus em homo sapiens e, por vezes, muitas vezes, em homo demens. De que maneira o progresso tecnológico interfere nisso?

IV Aos clássicos fatores de produção – terra, trabalho, capital – junta-se agora um outro: a tecnologia, com suas irmãs xifópagas, ciência e técnica. Aqui está inserida a educação. Então, são quatro os novos fatores de produção: terra, trabalho, capital e educação/tecnologia. Isso altera, sem dúvida, a configuração da organização social.

APRESENTAÇÃO
FERNANDO RIOS &
TEREZINHA AZERÊDO
RIOS

V Estamos desaprendendo de controlar o tempo que criamos? Se vale a máxima capitalista de que tempo é dinheiro, o que fazemos com um e outro? É mais fácil saber onde está o dinheiro e a quem ele pertence. Onde depositamos o tempo? A quem ele pertence? O que a tecnologia tem a ver com o aspecto de que se reveste o tempo em nosso cotidiano? A tecnologia alterará a relação senhores e escravos; capital e trabalho? Contribuirá para a construção de uma vida boa?

VI Quem define o que é uma vida boa? Amar, alimentar-se, trabalhar, ter lazer, ter prazer, descansar. Onde colocamos nossos desejos, que se transformam em sonhos e utopias? Por que se diz que viver é quase sempre caótico, na cidade ou no campo? Quem pode obter a felicidade veiculada nos meios de comunicação? Tecnologia traz alguma felicidade? Que vidas temos nós, diante deste beco que criamos: aparentemente, sem saída para humanos, com todas as saídas para os robôs?

VII É preciso pensar sobre todas as questões que aqui se levantam. Temos pensado? Pensar o entor-

no, pensar o imaginável, pensar o passado, pensar o presente, pensar o futuro. O ser humano sempre pensou. Quando começou? Um dia saberemos? Pensou quando construiu sua primeira família? Pensou quando registrou imagens nas cavernas? Pensou quando enterrou seus mortos? Pensou quando construiu seu primeiro instrumento musical? E quando se dispôs a pensar criticamente? Robôs e outras coisas pensarão por nós, os humanos? Serão eles os donos da humanidade? E nós, humanos, e nós humanidade, o que seremos?

VIII Que venham os robôs! Ou melhor, eles já estão aqui. Acostumemo-nos a eles! Como senhores e/ou escravos?! Depende de nós! O programa aqui proposto tem a intenção de provocar essa reflexão.

01101000011101010110101100001011011100110111



05

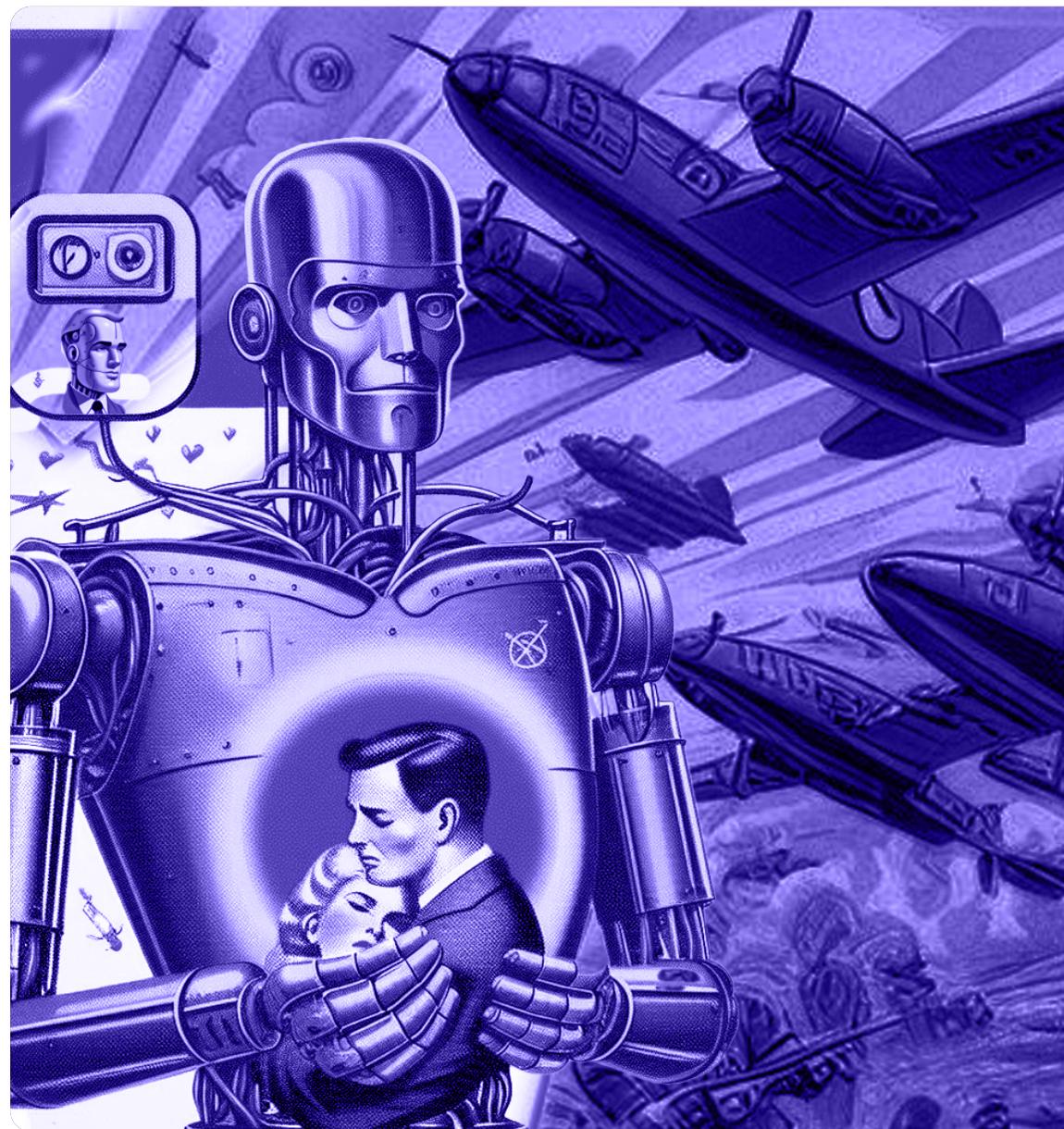
LUIZ EDUARDO SOARES

AMOR E VIDA,
ÓDIO E MORTE.
VIOLÊNCIA,
AGRESSIVIDADE,
CRUELDADE.

23.OUTUBRO.2023

A guerra é natural? A paz é artificial? Naturais ou artificiais, seremos sempre belicosos? Os sentimentos que movem os seres humanos, da benevolência à violência. Depois de ensinarmos sentimentos aos robôs, eles nos ensinarão o quê? A indústria armamentista. É possível uma indústria tecnologicamente pacifista?

MEDIADORA: SANNY SILVA DA ROSA



05

LUIZ EDUARDO SOARES

Quando falamos de amor e ódio, estamos falando das nossas emoções, dos nossos afetos, daquilo que nos constitui, na nossa humanidade. Quando falamos em vida e morte, vida e guerra, violência, agressividade e crueldade, estamos diante de enigmas que nunca foram, efetivamente, respondidos.

...

A nossa tem sido uma história muito, muito triste, muito violenta, marcada por séculos de escravidão, pela exploração humana mais vil e que nos legaria o racismo estrutural. Tem sido uma sociedade marcada pelo patriarcalismo com suas violações conhecidas. Tem sido uma sociedade profundamente desigual.

...

Acredito que a criminalização da política, a desmoralização e a degradação da política, a degradação do Estado e a demonização do Estado, a ideia de direitos e de limites, a denúncia do pacto constitucional como sendo regressivo, como sendo uma patologia regressiva brasileira. Esse impulso que marcou os anos de Bolsonaro, os anos que precederam a emergência do bolsonarismo, tudo isso conduziu a um contexto de agravo, de exaltação e, evidentemente, isso tudo sendo maximizado, potencializado pelas redes sociais, as novas linguagens de comunicação. Elas precisam, não só do antagonismo natural, da divergência argumentativa, elas precisam, para se difundirem, precisam desse espírito belicista, precisam de um afeto agonístico onipresente, persecutório, porque a valorização de cada afirmação, de cada interpelação depende do nível de confrontação e de conflagração que é capaz de produzir.



Reflexões sobre inteligência humana e artificial em diversas áreas do pensamento

FLÁVIA PRANDO

Boa noite a todos e todas! Continuando nosso ciclo de palestras sobre inteligência artificial - *Um mundo humano, artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial* -, promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo e pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, tenho o prazer de apresentar a mediadora do encontro, Sanny Silva da Rosa.

A professora Sanny é Graduada em Pedagogia, mestre e doutora em Educação pela PUC-SP. Realizou estudos de pós-doutoramento em políticas educacionais no Instituto de Educação/University College London (2010-2011). É professora e pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Professora, a palavra é sua.

SANNY SILVA DA ROSA

Muito obrigada, Flávia, pela apresentação. Você esqueceu só de colocar no currículo que eu sou amiga da Terezinha Rios e do Fernando Rios. Esse é parte do meu currículo. E aproveitando para dar boas-vindas a todos e todas e parabenizar a iniciativa deste ciclo de palestras - *Um mundo humano, artificialmente real. Inteligência humana, inteligência artificial*, organizado e coordenado pela Terezinha Rios e pelo querido Fernando Rios.

Para mim, é uma honra e uma responsabilidade ter sido convidada a fazer a mediação e apresentação do professor Luiz Eduardo Soares. Luiz Eduardo Soares é escritor, antropólogo e cientista político. Professor da pós-graduação em literatura da UFRJ e ex-professor da UERJ, Estadual do Rio de Janeiro, do IUPERJ e da Unicamp. Foi visitante nas universidades de Harvard, Columbia, Virginia e Pittsburgh. Publicou 22 livros, dos quais os mais

INTRODUÇÃO

recentes são: *Desmilitarizar, Segurança pública e direitos humanos*, pela editora Boitempo; *O Brasil e seu duplo* e *Enquanto anoitece*, pela Todavia; *Dentro da noite feroz, o fascismo no Brasil*, pela Narval, em 2022. Publicou também os best-sellers *Elite da Tropa* (com André Batista e Rodrigo Pimentel) e *Elite da Tropa 2* (com André Batista, Claudio Ferraz e Rodrigo Pimentel). Foi Secretário Nacional de Segurança Pública, Subsecretário e Coordenador de Segurança, Justiça e Cidadania do Estado do Rio de Janeiro e Secretário Municipal de Prevenção da Violência em Porto Alegre e Nova Iguaçu.

Professor Luiz Eduardo Soares, a palavra é sua e vou me esforçar para fazer esta mediação à altura. Estamos todos com grande expectativa para ouvi-lo sobre esse tema tão delicado e tão atual nas nossas vidas. Então, a palavra é sua.

Quando falamos em vida e morte, vida e guerra, violência, agressividade e crueldade, estamos diante de enigmas que nunca foram, efetivamente, respondidos.

Muito obrigado, Sanny. Boa noite a todas e todos. Em primeiro lugar, quero reiterar os agradecimentos a você, Sanny, pela gentileza da apresentação. Agradei ao Fernando e à Terezinha pela generosidade do convite, à Flávia que nos ajuda aqui a tornar possível o encontro e a todas e todos que nos acompanham esta noite.

Ouvi, interessado, a conversa entre vocês e não participei diretamente, porque procurava, de alguma maneira, imaginar de que forma eu poderia ainda, nos minutos que restavam, tornar a minha intervenção um pouco mais adequada às expectativas de vocês, porque vocês diziam, e com toda razão: "Meu Deus, mais um dia tão triste, tão pesado, com tanta dor"¹.

Situações tão dramáticas que estamos acompanhando no Brasil e no mundo, que bom que temos agora a oportunidade de uns momentos de...

enfim... oxigenação, de reflexão, de alívio, entendi assim. E me senti culpadíssimo, porque os temas são tão pesados que acabariam por reproduzir, estender, desdobrar, noite adentro, as situações trágicas que enfrentamos ao longo do dia.

Mas talvez haja um modo de abordar as dificuldades às quais vou me referir, pensando que a própria reflexão nos distancia, de algum modo, porque nos oferece um horizonte alternativo de construção do futuro. Quando a gente se debruça sobre a realidade, na sua complexidade, nos seus desafios, os mais exigentes, e quando contemplamos o passado, com todo o seu rastro de dor e sangue, nós, de alguma maneira, estamos buscando evitar repeti-lo no que ele tem de mais danoso, destrutivo. Estamos, portanto, construindo caminhos alternativos. A consciência crítica é parte, portanto, da nossa libertação desses ônus que carregamos ao longo da história. Espero, então,

**LUIZ
EDUARDO
SOARES**

¹ Comentávamos sobre um trágico incidente que ocorreu na Escola Estadual Sapopemba, na Zona Leste de São Paulo, em 23 de outubro de 2023. Um aluno de 16 anos entrou armado na escola e disparou contra os estudantes. Uma estudante foi morta e outros três ficaram feridos. Um quarto aluno se machucou ao tentar fugir durante o ataque. O atirador foi apreendido junto com a arma e encaminhado à Casa da Infância e Juventude. Segundo relatos, o atirador teria sofrido bullying e agressões na escola.

E vivíamos as consequências do fatídico 7 de outubro de 2023 quando comandos do grupo guerrilheiro terrorista Hamas se infiltraram no sul de Israel, a partir da Faixa de Gaza, e executaram um massacre em cidades fronteiriças e em um festival de música ao ar livre. Quase 1.200 pessoas, a maioria civis de todas as idades, morreram do lado israelense. Em 27 de outubro, as tropas israelenses iniciaram uma operação terrestre no norte da Faixa de Gaza. Em sete semanas de conflito, os bombardeios israelenses na Faixa de Gaza deixaram quase 15 mil mortos. (Nota do editor)

que essas reflexões ajudem a elevar o espírito, de algum modo, e a nos animar na busca de construções alternativas.

O tema é complexíssimo e, se eu fosse uma pessoa minimamente razoável, uma pessoa realmente equilibrada, intelectualmente honesta, não poderia ter aceitado esse convite, porque imaginem vocês, diante desse título - *Amor e vida, ódio e morte. Violência, agressividade, crueldade* -, em um contexto de reflexões muito importantes e amplas, porque, no fundo, estamos sendo aqui desafiados a refletir sobre as questões fundadoras da humanidade, da sociabilidade, questões que estão presentes não só no nosso cotidiano, mas na produção de conhecimento a respeito do humano ao longo de toda a nossa história.

Quando falamos de amor e ódio, estamos falando das nossas emoções, dos nossos afetos, daquilo que nos constitui, na nossa humanidade. Quando falamos em vida e morte, vida e guerra, violência, agressividade e crueldade, estamos diante de enigmas que nunca foram, efetivamente, respon-

ditos. Portanto, não posso ter nenhuma pretensão de dar conta, efetivamente, da temática. É o melhor modo de lidar com essas questões é buscar aproximações que facilitem a compreensão do modo pelo qual a presença desses afetos na nossa história brasileira, pelo menos na nossa história, a maneira pela qual a presença desses afetos se relaciona com determinadas dinâmicas institucionais, processos sociológicos e culturais mais vastos, para que aprendamos, mais sistematicamente, os lugares desses afetos e as possibilidades futuras de seus rearranjos, suas reconfigurações.

Parto supondo que já compartilhamos algum entendimento mínimo sobre o que seja o amor, um sentimento gregário marcado sobretudo pela gratuidade, que não aguarda reciprocidade, mas, evidentemente, se funda e funda a reciprocidade, portanto, está na raiz da sociabilidade. Digo gratuidade, porque é muito diferente a disposição afetiva que temos em relação ao outro quando dizemos amor, que é uma disposição incondicional, pelo menos mantidas as variáveis que formam o contexto inicial da observação. É uma

disposição positiva e afetuosa de aproximação que não aguarda pagamento, que não traz consigo qualquer cálculo instrumental.

É muito diferente de outras formas de aproximação que buscam alianças para a realização de finalidades comuns, o que é perfeitamente razoável, saudável e legítimo, mas é, certamente, distinto do que denominamos amor.

E o ódio é alguma coisa, é um afeto de repulsão e, mais do que isso, que abre as portas para disposições práticas agressivas. Eu gostaria de assinalar: não sou especialista nisso, mas o que vou dizer é trivial e consabido. Crueldade é um tipo, uma modalidade de prática associada a um ódio destemperado que não é encontrado em nenhuma outra espécie animal, só no ser humano. Os animais não são capazes de crueldade, eles são capazes de agressividade e a agressividade é fundamental para a sua sobrevivência, para a sua subsistência, assim como o medo, o medo que orienta defensivamente suas ações. A disposição agressiva, que eu não chamaria ódio no reino animal, é funda-

mental para a sua alimentação, para a sua sobrevivência nas leis da natureza. Isso é muito trivial.

Mas a crueldade implica o prazer de ver o outro sofrer. Isso é algo que nós não encontramos nos animais. É um prazer com o sofrimento alheio, um prazer que, portanto, está descolado de utilidades, de cálculos, de vantagens, benefícios materiais ou outros. É apenas um exercício de poder que deprecia o outro e o faz padecer e isso, em si mesmo, se retroalimenta em um afã de ampliação da vontade destrutiva. É alguma coisa terrível e que é característica da nossa espécie, a espécie de animal que nós somos.

Claro que sabemos, genericamente, o que estamos falando e seria interessante que especialistas nos estudos das emoções humanas em suas combinatórias, em suas especificidades, trouxessem para nós definições precisas dessas categorias todas, mas para nós bastará essa aproximação exploratória. E eu diria o seguinte: para ir direto ao povo, ao Brasil, essa é a minha hipótese, que é bastante ambiciosa, eu espero

poder sustentá-la.

O Brasil transitou de um regime afetivo dominado pela compaixão para uma reconfiguração de afetos em que o papel predominante coube à indiferença e alcançou o estágio em que a constelação afetiva é hegemonizada ou dominada pelo ódio. Em termos muito simples, é como se tivéssemos passado da compaixão à indiferença e da indiferença ao ódio. Dizer, nesses termos, parece completamente despropositado, absurdo e muito abstrato, porque, no universo de milhões de pessoas, nós todos atravessamos a multiplicidade de sentimentos e emoções ou de afetos, todo o tempo, pelas mais variadas razões. E esses nossos afetos estão associados a valores e a circunstâncias e a práticas que também variam.

Como é que eu poderia, então, sintetizar de forma assim tão reducionista e caricata, sociedades, com toda a sua complexidade e com todo o seu dinamismo, caracterizar esses movimentos da sociedade a partir de três afetos dominantes? O que eu quero dizer é que, evidentemente, ódio,

amor, compaixão, indiferença, inveja, ambição, desprezo, todo o repertório dos afetos humanos estiveram presentes, sempre, mas as estruturas sociais que caracterizavam a sociedade brasileira, as formas de organização das instituições e o tipo de organização da nossa cultura acabavam se combinando, se articulando de tal modo que um certo tipo de afeto associado a um certo tipo de valor emergia como representativo do que deveria funcionar como bússola de orientação para os comportamentos humanos desejáveis ou aqueles que prevaleceriam.

É como se tivéssemos uma coloração que resultasse da combinação de muitas cores e uma coloração dominante que seria resultante sintética da combinatória de todas aquelas cores e essa cor predominante variasse no espectro das cores e ao longo do tempo. A primeira configuração, e acho que vai ficar mais claro quando eu descer, aterrissar no solo da sociedade brasileira e da nossa história. A nossa tem sido uma história muito, muito triste, muito violenta, marcada por séculos de escravidão, pela exploração humana mais

vil e que nos legaria o racismo estrutural. Tem sido uma sociedade marcada pelo patriarcalismo com suas violações conhecidas. Tem sido uma sociedade profundamente desigual.

Ainda no início do século XX, a desigualdade era celebrada, consagrada, reconhecida, legalizada, e a hierarquia, portanto, era o modo de organização amplamente reconhecido.

No final do século XIX, entrando no século XX, quando o Brasil despertava como uma sociedade capitalista emergente, ingressando nisso que chamamos modernidade, havia algumas relações sociais que se associavam à religiosidade que prevaleciam e que, na disposição dos fatores que se combinavam entre si, produziam um determinado resultado, a valorização disso que eu estou chamando "compaixão". Em uma sociedade como a brasileira, na passagem do século, no ingresso do século XX, Brasil pré-industrial, ainda um país profundamente rural, quando deixávamos o escravagismo, depois de séculos, e quando, portanto, a economia no meio rural já independia

da coerção imposta pela institucionalização da escravidão, o que ali prevalecia eram relações profundamente hierárquicas.

Essa hierarquia marcava também a sociedade brasileira urbana nessa urbanização ainda nascente. Essa hierarquia, ainda trazemos dela alguns vestígios e isso está presente para nós, por exemplo, vou recorrer aqui a um estudo clássico do meu professor Roberto DaMatta², presente com um vestígio até hoje na fórmula já canônica do: "Você sabe com quem está falando?"³. Isso é típico de uma sociedade hierarquizada, em que as pessoas nascem em certas posições que são consideradas superiores ou inferiores, são posições de classe, mas não apenas posições de classe no sentido econômico, porque envolvem mais do que apropriação material de riqueza, de meios de produção. Envolve também prestígio, status, reconhecimento, valorização, e os cidadãos não são cidadãos, os indivíduos não são cidadãos, portanto, não são iguais entre si, a lei se aplica diversamente e, inclusive, reconhece essas distinções.

² **Roberto Augusto DaMatta** (1936) é um antropólogo, conferencista, filósofo, consultor, colunista de jornal e produtor brasileiro de TV. É professor titular de antropologia social do Departamento de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e professor emérito da University of Notre Dame, South Bend, Indiana, EUA. É membro da Academia de Artes e Ciências dos Estados Unidos, da Academia Brasileira de Ciências (ABC) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

WIKIPÉDIA 19.08.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Roberto_DaMatta

³ **VOCÊ SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO? ESTUDOS SOBRE O AUTORITARISMO BRASILEIRO.**

ROBERTO DAMATTA

Editora Rocco, Rio de Janeiro, RJ, 2020.

Por exemplo, o direito ao voto que é conferido com exclusividade ao proprietário de terras, aqueles que são homens e que têm certo tipo de renda. A desigualdade não é uma espécie de defeito da estrutura que resiste a despeito das orientações legais, como hoje acontece, porque a Constituição determina que todos os indivíduos são iguais entre si, são todos cidadãos e, supostamente, isso deveria se traduzir em todos os âmbitos da vida social. Quando não ocorre, é porque a própria sociedade falhou no cumprimento ou na realização dos princípios ditados pela nossa Carta Maior.

Naquela época, a desigualdade era celebrada, consagrada, reconhecida, legalizada e a hierarquia, portanto, era o modo de organização amplamente reconhecido. Na forma pela qual os subalternos se dirigiam aos superiores, a linguagem era marcada pela hierarquia. Meu avô relatava, por exemplo, era muito interessante e isso se constata na historiografia brasileira no início do século XX, que ele precisava andar três metros atrás do seu superior, um inglês. Ele trabalhava na primeira ferrovia brasileira e não podia andar lado a lado com

o seu superior hierárquico na empresa. Dirigir-se a alguém exigia todo um tratamento ritualizado de acordo com as posições na hierarquia social.

Essa reorganização verticalizada trazia, entretanto, alguns benefícios. Vejam, não estou de jeito algum buscando justificar esse tipo de estrutura tão desigual que, de fato, correspondia a uma exploração do trabalho humano e a própria reificação de relações de poder desiguais. Não se trata absolutamente de justificação, mas de reconhecer que, embutindo na hierarquia, havia um certo espírito de responsabilização que correspondia a uma espécie de instituição de proteção social informal e, por isso, e há estudos muito interessantes sobre o compadrio⁴ na área rural (isso me faz lembrar do professor Antônio Augusto Arantes⁵). Com o compadrio, os camponeses, os trabalhadores rurais, buscavam convencer os seus patrões, os senhores da terra, os donos de engenho, a batizar seus filhos, a serem os padrinhos dos seus filhos, porque isso faria com que eles se tornassem compadres.

4 O COMPADRIO: DA POLÍTICA AO SEXO

ITAMAR DE SOUZA

Editora Vozes, Rio de Janeiro, RJ, 1981.

5 **Antonio Augusto Arantes** é professor emérito da UNICAMP, Departamento de Antropologia. Formado pela Universidade de São Paulo (bacharel em ciências sociais, 1965; mestre em antropologia, 1970) e Universidade de Cambridge (PhD, 1978). Foi um dos fundadores do Departamento de Antropologia da UNICAMP, ao qual está vinculado desde 1968 - e se aposentou em 1997. Desde então, vem atuando como professor colaborador voluntário do Departamento de Antropologia, onde foi responsável pela criação e gestão da linha de pesquisa "Patrimônio e Memória" do Programa de Doutorado em Ciências Sociais (2016-2021). Foi vice-presidente do Comitê Científico do ICOMOS para o Patrimônio Cultural Intangível (2017-2020). Colaborou com a UNESCO na elaboração e implementação da Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Intangível (2000-2014). É consultor de políticas culturais, em especial sobre temas relativos ao patrimônio cultural.

ESCAVADOR 19.08.2024

<https://www.escavador.com/sobre/3976014/antonio-augusto-arantes-neto>

O compadrio não seria um óbice insuperável para a exoneração, a demissão, a expulsão da terra ou para a exploração do trabalho, em absoluto, mas no limite tenderia a nuançar o tipo de violência, o tipo de tratamento, tenderia a domesticar, conjurar, relativizar as posturas mais arrogantes e escolhedoras do senhor de engenho, do velho coronel dono da terra. Era uma forma de proteção, uma estratégia de resistência, na ausência de instituições, na ausência de uma legalidade que pudesse funcionar como anteparo aos plenos poderes do superior.

Essa relação de compadrio era marcadamente hierárquica. Entretanto, correspondia também à assunção de responsabilidades por parte do superior pelos subalternos. E esse era o momento em que o catolicismo prezava como valor, a compaixão, a solidariedade que se manifestava na piedade, se manifestava em atitudes de benevolência, que não negavam a desigualdade, mas, de alguma forma, estimulavam o comportamento indulgente que, embora paternalista e arrogante, protegia, efetivamente, os de baixo.

A nossa passagem da vida rural para a vida urbana, entre os anos 1950 e os anos 1970, constituiu a maior e mais rápida transformação que o planeta assistiu ao longo de todo o século XX.

Havia um sentimento de responsabilidade estimulado pela cultura predominante, que era fundamentalmente uma cultura católica. Os africanos que vieram ao Brasil sofrendo a escravização traziam suas culturas, suas tradições religiosas e, evidentemente, tradições religiosas que não podiam ser praticadas, que eram perseguidas. E como forma de preservação de resistência, de sobrevivência cultural e espiritual, buscavam muitas vezes soluções que foram chamadas, ao longo da nossa história pelos cientistas sociais, de "sincréticas". A solução sincrética é a solução híbrida, combinatória, em que os santos, as deidades, as entidades espirituais recebem novos nomes e são articuladas com cosmologias católicas de tal maneira que sejam absorvidas, assimiladas, autorizadas, aceitas e escapem, assim, da perseguição. Desse modo, se torna possível algum convívio.

E a atitude católica tradicional, o catolicismo associado aos poderes dominantes no Brasil, era a atitude de consagração da hierarquia, das hierarquias, mas também dos princípios de responsabilidade sob a égide da compaixão como um espírito cristão que deveria presidir as relações humanas. Uma solidariedade desigual, repito, que funciona como instrumento de reprodução do próprio poder, mas também de algum anteparo ao seu exercício em benefício dos subalternos. Essa estrutura, quando se moderniza, possibilitou ao Brasil transitar do mundo rural para o mundo urbano com uma velocidade espantosa, a tal ponto que os estudiosos da história comparativa afirmam que a maior transformação que o planeta assistiu ao longo de todo o século XX se deu no Brasil entre os anos 1950 e os anos 1970. Foi quando nós, de 85% rurais, nos convertemos em 85% da população urbana.

Imaginem o que isso significa. Estamos falando em termos de milhões de pessoas, portanto, em extensão, em velocidade, em escala, esse é o processo mais extraordinário, mais espantoso do

século XX. Isso foi mais impactante, considerando-se escala, profundidade, extensão, população envolvida, do que as transformações que houve na China depois de 1945, que houve na União Soviética nos anos 1930. Nada é comparável. Isso tudo se deu sem que houvesse estruturas de proteção social, welfare state, como dizemos, sem que houvesse estruturas organizacionais e formas de canalização das necessidades e de atendimento às necessidades provocadas por essa verdadeira metamorfose, velocíssima e de grandes proporções.

Foi como se tivesse havido um deslocamento de placas tectônicas da sociedade brasileira, que desprenderam energia. Eram energias precipitadas que não encontravam canais para que fossem drenadas ou absorvidas e metabolizadas. Esse caldeirão não encontrava um colchão de proteção que humanizasse, digamos, os dramas envolvidos nessa verdadeira revolução demográfica, sociológica, econômica, que marcou a história brasileira.

Essa revolução demográfica, entretanto, começou

a promover um hibridismo, uma conjunção muito curiosa, certamente, não única do mundo, mas com algumas singularidades, sem dúvida, que marcaram a nossa sociedade profundamente. Porque a emergência da industrialização resulta numa modernização que se converte em urbanização acelerada. Tudo isso aponta na direção do individualismo. Tivemos uma vida comunitária, rural, prioritariamente, coletiva, em que os núcleos familiares eram fundamentais. Temos uma explosão que faz florescer o individualismo, novas relações de um novo tipo no meio urbano e um processo que nos conduzirá à redemocratização, depois da ditadura de 64, redemocratização em 88.

A redemocratização se dá sob o signo da promoção da igualdade, da ampliação da cidadania, dos direitos de cidadania, em um país que carregava consigo não só as marcas da escravidão, mas o peso e os ônus de hierarquias tão fundamentalmente radicadas na nossa experiência objetiva e subjetiva, muito subjetiva. Então, em 1988, vem a redemocratização e a promulgação da Carta Magna, da Constituição, que nos trazem o momen-

to da igualdade. Esse momento da igualdade só foi celebrado na Constituição porque já estava, evidentemente, sendo cultivado.

Esses princípios estavam sendo cultivados e fertilizados ao longo das décadas anteriores. Era um país que caminhava da hierarquia para soluções mais democráticas, da hierarquia para a cidadania e, portanto, para a igualdade. Imaginem, então, quantas tensões, quantas contradições, tantas dores que foram promovidas e que dilaceraram o corpo social em função desses atritos que se dão em plano subjetivo, afetivo. O mundo do "você sabe com quem a gente está falando" é o mundo do passado. No entanto, essas hierarquias persistem, estão presentes na cidade, em plena modernidade, uma modernidade que anuncia o novo momento, que é o momento da igualdade, mas que ainda traz consigo a relação senhorial. Essas marcas estão muito presentes na experiência religiosa.

É claro que isso não é indiferente ao fato de que o pacto social celebrado pela Constituição é um

pacto que diríamos social-democrata, um pacto que gesta um *welfare state*, um estado de bem-estar social, um estado de direitos, de preocupação com alteridade, de solidariedade, fraternidade, de modo a que ninguém fosse deixado para trás, que todos obtivessem cuidados e fossem alvo da proteção em suas vidas. Esse tipo de espírito é o espírito da compaixão que tem história profunda no Brasil e que, embora se relacionasse com a hierarquia mais tradicional, agora encontrava espaço e lugar em uma nova sociedade, uma sociedade de igualdade.

Me perdoem acelerar aqui o ritmo da exposição e ser assim ainda mais caricato.

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, havia a criação de uma igreja evangélica por dia, o que era assombroso em termos de potencial social.

Nesse período, começamos a experimentar os resultados das tensões entre hierarquia e igualdade e entre compaixão e algum tipo de animo-

sidade suscitada pela inadequação da compaixão a um quadro de igualdades que pede passagem, digamos assim, que precisa nascer, que precisa florescer.

Vou fazer uma pequena digressão em que isso talvez fique mais claro. Falando sobre a grande revolução cultural que marca a história brasileira, a partir do final do século passado, a partir do final dos anos 1980 e início dos anos 1990, que é o fortalecimento e crescimento do mundo evangélico, particularmente das igrejas pentecostais, neopentecostais. De que maneira isso conversa com essa nossa reflexão anterior? Observem a seguinte situação, que é exemplar, a meu juízo. Fiz um estudo a esse respeito no final dos anos 1980 e início dos anos 1990, quando um colega realizou o primeiro censo evangélico no Brasil, o primeiro censo antes de o IBGE realizá-lo, ele realizou no Rio de Janeiro, em particular, foi o Rubem César Fernandes⁶.

Verificamos que havia a criação de uma igreja evangélica por dia, o que era assombroso em

⁶ **Rubem César Fernandes** (1943) é um antropólogo e escritor brasileiro e secretário-executivo das ONGs Iser e Viva Rio. Graduou-se em filosofia pela Universidade de Varsóvia, Polônia; cursou o mestrado em história social na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Na Universidade de Columbia, cursou mestrado em história do pensamento social, onde se doutorou. Retornou ao Brasil em 1976 após o pai ter sido baleado em um assalto em sua casa. Para combater a violência no Rio de Janeiro, fundou, em 1993, a ONG Viva Rio, cuja meta é a pesquisa e a formulação de políticas públicas, com o objetivo de promover a cultura de paz e o desenvolvimento social.

WIKIPEDIA 10.04.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rubem_C%C3%A9sar_Fernandes

termos de potencial social, porque a criação não é simplesmente um ato formal e burocrático, significa a emergência de uma comunidade, uma coletividade que se encontrará com assiduidade em torno de rituais específicos, gerando laços cuja densidade terá consequências comuns. Nos estudos etnográficos que fiz, e não apenas eu, estou me mencionando, a minha experiência simplesmente para compartilhá-la com vocês. Esses estudos foram mais amplos, tantas e tantos colegas estudaram esse caso já nos momentos emergenciais, nos momentos inaugurais. O pastor evocava uma entidade e dizia ao fiel, ou à fiel, enfim, a quem se dispunha submeter-se àquele ritual de exorcismo, dizia que determinada entidade a possuía. Essa entidade era nomeada a partir da cosmologia pentecostal da tradição que estava sendo mobilizada naquele ambiente, naquela igreja específica.

Vejam, o próprio fiel ou a própria fiel se dizia e se reconhecia possuído ou possuída por uma entidade e tinha essa experiência nas linhagens do afro-brasileiro de que participavam. O pastor

reconhecia a verdade dessa experiência espiritual, mas lhe dava outro sentido e atribuía outro nome, um nome negativo, do demônio, à entidade que antes encontrava outro suporte em uma cosmologia bem distinta e que a valorizava. O pastor dizia:

Você vai ficar livre pela intervenção da igreja, em nome de Jesus, você vai ficar livre do demônio, do diabo. Você está possuída pelo diabo, pelo demônio.

O exorcismo é uma experiência muito pulsante, muito vibrante, muito emotiva, e denota um fenômeno extraordinário, que me chamou a atenção e foi o objeto da minha ênfase na pesquisa. O fenômeno extraordinário é o do reconhecimento, por parte da nova igreja para qual se convertia esse fiel, da realidade tal como o fiel a vivenciava em uma tradição religiosa muito diferente que era ali objeto de uma verdadeira guerra, de uma verdadeira confrontação negativa, de uma hostilização que inaugurava o conflito ou a guerra religiosa no Brasil, de tristes consequências, como sabemos.

Mas o que quero enfatizar não é propriamente a guerra e o que há de nefasto, negativo: é que isso intensifica o racismo estrutural, perseguições culturais. O que quero enfatizar é o fato de que, pela primeira vez, o representante da igreja que se coloca contra a tradição afro-brasileira parte de um consenso quanto à experiência da realidade e inverte as atribuições de valor e a descrição semântica, digamos, semântica do que está em curso e, portanto, a própria descrição espiritual do fenômeno vivido. Em outras palavras, o pastor diz:

Isso que você está vivendo é verdade, é real. Eu reconheço que é real. Só que não é o que você está pensando, é o diabo, não é a entidade A, B ou C. E vou livrá-lo ou livrá-la desse ônus, desse encosto.

Por que isso é tão importante? Porque, na guerra religiosa, se estabeleceu uma relação horizontal de alguma igualdade pelo compartilhamento de um princípio de realidade. Sociologicamente, diríamos, são certas estruturas de plausibilidade que conferem verossimilhança aos discursos.

Todos compartilhavam as mesmas estruturas de plausibilidade e a verossimilhança era, portanto, reconhecida. O mesmo princípio de realidade ali se estabelecia. No mundo católico isso não acontecia. O sacerdote dizia:

Você está com uma perturbação psíquica, isso é um problema que você tem que tratar, isso é um problema mental, psicológico, psíquico.

Ou diria:

É uma questão de ignorância e com o cultivo, a doutrina, o acompanhamento religioso adequado, você superará essa dificuldade ou essa angústia.

Então, isso é ou psicologizado, psiquiatrizado, medicalizado, ou isso é visto como manifestação de ignorância, de incivilidade, de inadequação ao mundo humano moderno racional, que é o nosso. Falta de lucidez. Ou você é estúpido, idiota, inferior culturalmente ou você tem problemas, você

sofre de patologias. Isso não é dito assim, evidentemente. Isso, necessariamente, não é tratado nesses termos grosseiros. Estou simplesmente simplificando uma realidade que é bem mais mediada e complexa.

Basicamente, a atitude da igreja católica dominante, muitos padres e autoridades eclesiais viam de modo bem mais arejado, aberto, pluralista e democrático, mas o que predominou na igreja foi a condenação da umbanda e do candomblé, das tradições afro-brasileiras. A condenação que tinha como, digamos, face política, como versão política, a perseguição; e como versão jurídica, a criminalização ou atitude indulgente superior de quem acolhe e assimila sem negar essa superioridade ao contrário, fazendo com que a indulgência, a complacência, a tolerância funcionassem com demonstração de superioridade. Este era o discurso subjacente:

Venha cá, meu filho, você é inculto e eu vou lhe ensinar o caminho correto. Abrigue-se aqui, o manto católico é amplo o suficiente,

há lugar para você também.

E a tolerância era a forma pela qual essa superioridade se exercia, sem negar, ao contrário, reafirmando a hierarquia. Estamos aí, assim como na política, assim como nas relações de trabalho, aqui temos a assimilação por subordinação e preservação dessa marca hierárquica e, digamos, o valor que coroa essas práticas e disposições afetivas à compaixão. A compaixão como um afeto dominante que deve nortear as atitudes e os sentimentos. É um valor e um afeto.

Quando tudo colide com a explosão igualitária no mundo que se urbaniza e nas transformações culturais em curso, isso já não é capaz de conter a pulsação igualitária e a igualdade. Então, requer ou um convívio pacífico pela pactuação ou exclusão mútua pela guerra, pelo ódio. E, por aí, vamos acompanhando as dinâmicas no campo cultural ou religioso brasileiro que se tornam crescentemente contraditórias.

A criminalização da política, a desmoralização e a degradação da política, a degradação do Estado, tudo isso é uma patologia regressiva brasileira.

Agora, quero assinalar que, a partir de um certo momento, as características políticas e econômicas apontam na direção da conveniência de que o individualismo ultrapasse as limitações que a compaixão lhe impõe e esse é o momento em que a indiferença será cultivada como o afeto predominante. Onde é que encontramos isso? No discurso da meritocracia. Outro discurso subjacente:

Não vamos nos preocupar com os que ficam para trás, se você está acima é porque neste mundo darwinista você se demonstrou mais competente, mais capaz, mais devotado, investiu mais energia, é mais dotado, é mais capaz.

Isso é expressão, de alguma maneira, da vontade divina ou das virtudes intrínsecas a cada individualidade. Assim, tenta-se convencer as pessoas

de que a desigualdade não é um problema, não é uma patologia, não é um desvio do pacto social celebrado em 1988, não é pecado. A desigualdade é a expressão mesma da heterogeneidade humana e a expressão da desigualdade na distribuição das virtudes. Então, aceitemo-la. Aceitemo-las, as desigualdades, e compreendamo-las como naturais, digamos assim. E quando isso está associado a uma certa visão do Estado que demoniza a política e o próprio Estado, como sendo a fonte mesmo de corrupção, de degradação, a imagem que se impõe é a seguinte: se a sociedade pudesse trabalhar com liberdade, sem limites, impostos por tantas leis, taxas, obstáculos e burocracias, se fosse possível que essa liberdade plena se impusesse, se afirmasse, as energias sociais fluiriam e emergiria um cenário coletivo de prosperidade. As desigualdades existiriam fruto das diferenças de talentos e de esforços e a meritocracia justificaria as distâncias entre classes, grupos e indivíduos.

Mas, de toda maneira, o resultado acabaria sendo, inclusive, fértil, enriquecedor e benéfico para o conjunto, porque esse resultado proveria das

energias desprendidas da sociedade, do seu trabalho coletivo. Estado significa, necessariamente, a drenagem, a vampirização que parasitas exercem sobre o trabalho humano e as imposições de limites, de direitos, de deveres. Tudo isso acaba, simplesmente, alimentando o parasitismo do Estado, inibindo as boas energias que fluem da produtividade coletiva e social.

Para que isso seja possível, é necessário que a gente seja capaz de entrar no restaurante sem olhar as crianças na calçada, dormindo na calçada. Não é possível, do ponto de vista subjetivo, intersubjetivo, espiritual, que uma coletividade funcione nesses termos compreendendo que a política deva ser objeto de repulsa, que o Estado deva ser minimalizado, que a sociedade seja entregue a si mesma e às suas energias, nas suas desigualdades, que seriam supostamente naturais.

Não é possível que isso sobreviva, encontre apoio afetivo, moral, se encontramos crianças nas calçadas quando vamos jantar no restaurante. A imagem que quero compartilhar com vocês como,

simplesmente, ilustrativa do sentido mesmo da minha reflexão. Seria necessário que passássemos a valorizar não a compaixão e o sentido de responsabilidade, não mais. Isso é de um mundo hierárquico do passado. Precisaríamos saber, aprender a conviver com a desigualdade, com frieza, acreditando que isso expressa uma realidade absolutamente necessária e legítima. E isso requer que um regime afetivo se redesenhe, que um valor se imponha e esse valor e esse afeto que passam a comandar o regime afetivo é a indiferença. E observem como é impressionante, porque dos anos 1990, final dos anos 1990, e mais e mais na segunda década do nosso século, produziram-se livros e livros com títulos infames que eu não ousaria reproduzir aqui. Eles divulgavam coisas assim:

Não liguem para os demais. Se desliguem dos outros. Não importam os outros. Cuidem de si. O que importa é cuidar de si.

Títulos que se tornaram *best sellers*, incríveis, vendendo centenas, milhares de cópias. Toda uma

linha da autoajuda que apostava no aprendizado espiritual e propunha:

Como conviver com seu sucesso, basta crer para enriquecer, basta crer no seu potencial, seja um empreendedor de si mesmo; não olhe para o lado, não deixe que os outros, na sua pobreza, na sua miséria, na sua dor, te arrastem para o fundo do poço. Mantenha-se livre das cargas que provenham dessas suas culpas. Vamos exorcizar essas culpas. Seja um indivíduo. E um indivíduo livre e autônomo significa um indivíduo indiferente.

É claro que estávamos preparando também, sem o saber, o terreno para outro afeto que acaba se impondo, mais ou menos naturalmente, que é o ódio. Porque, como não tenho como resolver essa contradição terrível entre o meu sentimento de responsabilidade e de compaixão, que tem de ser sufocado, tem de ser recalcado, se não consigo viver plenamente essa indiferença. Tudo o que evoca a desigualdade acaba produzindo em mim

esse sentimento de desconforto e de desconforto comigo mesmo e de culpa. Ou vou retroagir e recompor a minha formação subjetiva ou sigo adiante, pisando no acelerador, pisando no outro, não posso ser só indiferente, tenho que também repelir a autoridade. Tenho que entender que o discurso que me atrai para a solidariedade, para a responsabilidade e para a compaixão é o discurso do inimigo. É o discurso que deve ser ele mesmo anatematizado.

E aí, a criação política pelos fascismos nacionais, dos grandes inimigos, a retórica da guerra, a belicosidade, as imagens, as performances guerreiras, a vibração com as armas, o elogio da arma, o culto das armas, tudo isso acaba se convertendo em uma terceira organização de afetos de valores. É o momento da guerra e é preciso resistir aos inimigos e aí os inimigos vão ser definidos nos modos mais diversos. E esses inimigos são aqueles que, de algum modo, inviabilizam o processo que estava dado como de progresso de realização e de realização pessoal também. E de reafirmação dessas identidades que estavam sob suspeita,

estavam sob pressão subversiva e crítica.

Acredito que a criminalização da política, a desmoralização e a degradação da política, a degradação do Estado e a demonização do Estado, a ideia de direitos e de limites, a denúncia do pacto constitucional como sendo regressivo, como sendo uma patologia regressiva brasileira. Esse impulso que marcou os anos de Bolsonaro, os anos que precederam a emergência do bolsonarismo, tudo isso conduziu a um contexto de agravo, de exaltação e, evidentemente, isso tudo sendo maximizado, potencializado pelas redes sociais, as novas linguagens de comunicação. Elas precisam, não só do antagonismo natural, da divergência argumentativa, elas precisam, para se difundirem, precisam desse espírito belicista, precisam de um afeto agonístico onipresente, persecutório, porque a valorização de cada afirmação, de cada interpelação depende do nível de confrontação e de conflagração que é capaz de produzir.

As redes prosperam sob o fogo permanente da conflagração, dessa polarização que não encon-

tra limites e que prescinde de substância ou de conteúdo, porque se renova por si mesma. Então, é claro que as redes sociais, os algoritmos alimentam e se alimentam dessa dinâmica. E essa dinâmica favoreceu a transição da indiferença típica do neoliberalismo predominante, para o ódio como espaço de inviabilização da alteridade e de uma relação dialógica minimamente civilizada, cidadã e democrática. Essa é a pequena reflexão que eu gostaria de compartilhar com vocês. Acho que é o momento de trocarmos ideias.

SANNY SILVA DA ROSA

Na década de 1930, o Brasil tinha 93% de católicos, 4% de evangélicos e 1% de pentecostais.

Bom, me coube a tarefa, Luiz Eduardo, de desencadear esta conversa, este debate e, se eu pudesse adiar um pouquinho até me restabelecer, porque a tua exposição e, sobretudo, a hipótese sobre a qual ela se assenta, me parece muito lógica e muito palpável, considerando as situações, as experiências, das mais triviais, cotidianas que a

gente tem tido nos últimos anos, talvez, na última década no Brasil. Essa ideia de que nós... a nossa história... de algum modo se estruturou com base em relações hierárquicas muito profundas, mas, ao mesmo tempo, vamos dizer assim, sustentada por esses valores católicos, me parece extremamente plausível para entender os desdobramentos do curso da nossa história mais recente.

Vou contar um pequeno caso. Acho que essas experiências cotidianas nos ensinam algumas coisas ou, pelo menos, nos suscitam a pensar em algumas coisas. Moro em um prédio de classe média, média alta, um bairro bom aqui de São Paulo, bairro urbanizado e tenho, para a minha alegria, uma... eu a chamo de uma irmã, ela é minha irmã, trabalha comigo há mais de 20 anos. Ela é minha funcionária e nesta semana, ela chegou para mim e disse:

Olha, preciso te falar uma coisa que está acontecendo aqui no nosso prédio.

Ela costuma, ao sair do trabalho, sentar-se no hall

de entrada para esperar a irmã e ambas esperam o cunhado que passa para buscá-las. Recebeu um comunicado e alguns olhares que ela decifrou como sendo:

Aqui não é o lugar para você passar e nem muito menos para ficar sentada.

Enfim, essas relações hierárquicas que vêm de um tempo bastante remoto e esses preconceitos que passam por classe, por cor, por gênero e tudo mais, me parecem que não foram nunca superados. De algum modo, você falava que, na década de 1980, tínhamos pelo menos a impressão de estarmos construindo, falando de redemocratização, reconstruindo um país pautado nos valores da igualdade, do respeito ao outro e de construção mínima de distribuição de renda e de convivência em função da ideia de dignidade, de respeito ao outro. Fico pensando se era isso mesmo que estava acontecendo ou se era uma ilusão nossa, ou ilusão de uma parcela da sociedade brasileira que preferiria acreditar nisso.

Estou lendo, ainda não concluí, estou na metade, o livro, *A fé e o fuzil*, do Bruno Paes Manso⁸, não sei se você já está lendo, enfim, se já leu. E o que ele relata, em uma linguagem jornalística muito agradável, conflui para o teu raciocínio, para a construção do teu argumento. Ele fala que, na década de 1930, o Brasil tinha 93% de católicos, 4% de evangélicos e 1% de pentecostais. Não sei se a gente tem, nesse último censo, já os números definidos; se tem, não vi. Mas, de todo modo, o crescimento das igrejas evangélicas, o fenômeno do pentecostalismo, do neopentecostalismo, acelera coincidindo com esse processo migratório de que você falou. Você mencionou a urbanização do Brasil. E aí, isso também coincide e se cruza com um estudo que o Bruno vem fazendo dessas relações entre a religião e as milícias, porque ele, nos seus estudos, faz bem um estudo etnográfico de contato de uma proximidade muito grande com convertidos, ex-milicianos, ex-trafficantes que se converteram à religião pentecostal.

Fico pensando e queria já encerrar essa primeira intervenção, para te perguntar:

Será que todo esse movimento meio que desperta novamente, como se fosse o retorno de um recalçado da nossa história?

Para usar um pouco a linguagem psicanalítica:

Esses sentimentos estão profundamente enraizados na nossa história?

Essa questão da religião e da guerra de religião me parece extremamente lógica quando a gente olha, por exemplo, toda a raiz da construção e da trajetória política do Lula e do Bolsonaro: eles são expressões políticas de matrizes completamente distintas e daí se explica também esse ódio que foi potencializado agora nos últimos anos da trágica história do nosso país. Era essa a primeira provocação que eu queria fazer e depois deixar aberto para que as pessoas que estão aqui participando conosco possam perguntar, se manifestar, enfim, debater.

LUÍZ EDUARDO SOARES

Uma das categorias-chave para pensar o Brasil é

7 A FÉ E O FUZIL / CRIME E RELIGIÃO NO BRASIL NO SÉCULO XXI

BRUNO PAES MANSO

Editora Todavia, São Paulo, SP, Editora Todavia, 2023

A FÉ E O FUZIL: COMO A RELIGIÃO FOI INCORPORADA AO MUNDO DO CRIME NO BRASIL

ENTREVISTA: POR ANDREA DIP, CLARISSA LEVY, RICARDO TERTO. 23 DE OUTUBRO DE 2023

Em seu novo livro, o jornalista Bruno Paes Manso explica a relação entre igrejas evangélicas e grupos criminosos

AGÊNCIA PÚBLICA 10.04.2024

<https://apublica.org/2023/10/a-fe-e-o-fuzil-como-a-religiao-foi-incorporada-ao-mundo-do-crime-no-brasil/>

8 Bruno Paes Manso é jornalista, pesquisador e escritor brasileiro formado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com doutorado e mestrado em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP). Atuou no Núcleo de Estudos da Violência da USP, centro de pesquisa voltado para a discussão de temas relacionados à violência, democracia e direitos humanos.[2] Ele também é formado em economia pela Universidade de São Paulo. Publicou: *A república das milícias: dos esquadrões da morte à Era Bolsonaro*, *A fé e o fuzil: crime e religião no Brasil do século XXI*, pela Editora Todavia.

WIKIPEDIA 10.04.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Bruno_Paes_Manso

o retorno do recalcado.

Muito obrigado, Sanny. O livro do Bruno é muito bom, eu já li, claro, *A fé e o fuzil*, da editora Todavia. Bruno Paes Manso, recomendo com toda ênfase. Na semana passada, participamos de uma mesa em Santo Antônio do Pinhal, no interior de São Paulo, um festival internacional, a Festa Literária Internacional da Mantiqueira. Estivemos junto na mesa e o Bruno faz um trabalho muito importante.

É preciso olhar, ao mesmo tempo, como você mesma disse, para os diferentes aspectos da nossa história, da nossa história recente, porque muitas vezes refletimos sobre a revolução religiosa e as características do mundo evangélico. São características muito diversas, é um mundo plural, contraditório internamente, como são os mundos multitudinários, naturalmente. Ou observamos a economia, a inflexão neoliberal a partir de alguns anos, ou observamos a política e a judicialização da política, a criminalização da política como fenômeno específico ou o fortalecimento do discurso do empreendedorismo meritocrático como fenô-

menos em si mesmos e fenômenos isolados.

São fenômenos específicos, que merecem estudos particulares, mas não ocorrem ao mesmo tempo por acaso. Poderiam ocorrer por acaso, mas quando se fertilizam, se fortalecem reciprocamente e ganham poder e força exponencial. E se trata justamente dessa aproximação. E você tem toda a razão. Uma das categorias-chave para pensar o Brasil, acho, é o retorno do recalcado. Temos uma marca quase que atávica da nossa história.

As rupturas, e foram muitas, rupturas políticas, foram muitas, se deram sempre pelo alto, ou seja, no rearranjo entre as elites, em crises entre as elites, conflitos entre as elites e depois recomposições entre as elites. Dessa forma, as perspectivas autoritárias se reafirmam e o hiato, o abismo entre Estado e sociedade se aprofunda. A grande massa da população parece alheia ao que acontece na institucionalidade ou na institucionalidade política, como se não lhes dissesse respeito, embora a sua vida dependa disso. Porque é um teatro da corte tão distante, não é?

Eu me lembro, e você tem toda a razão, os anos 1980, será que não era *wishful thinking*? Será que não era uma ilusão nossa, achar que o Brasil, naquele momento, ansiava pela democracia e se devotava à tarefa histórica e épica de construí-la? Eu me lembro do doutor Ulisses⁹ erguendo o livrinho da Constituição, em 1988. Naquela noite, as famílias, claro, chegando exaustas em casa, os trabalhadores, as trabalhadoras, com os problemas terríveis de transporte, de desemprego, de salário, tentando ver a sua novela para desanuviar um pouquinho, aquela novela que imaginamos estar no centro das preocupações de todas e todos.

As revoltas não derivam das situações mais alarmantes e dolorosas de impotência e de miséria, derivam de situações em que quem ganhou algo corre o risco de perder o que conquistou.

Então, esse ato vai se aprofundando e podemos observar como é que se cruzam o Estado com a sociedade, se cruzam no sucesso e no fracasso. Quando o país cresce, a distribuição de renda re-

duz pobreza em doses exuberantes, exorbitantes e com grandes impactos, e isso, evidentemente, atua sobre a percepção popular. Quando a crise se impõe, isso gera frustrações. Mas há na história, e você sabe muito bem disso, na história do pensamento social, uma descoberta valiosíssima que é contraintuitiva e parece, portanto, insólita. É que as revoltas não derivam das situações mais alarmantes e dolorosas de impotência e de miséria, derivam de situações em que quem ganhou algo corre o risco de perder o que conquistou. Daí é que a força de insurreição e de revolta tende a se afirmar.

Foi assim na Revolução Francesa. Alexis de Tocqueville¹⁰, na sua análise da Revolução Francesa, formulou pela primeira vez essa, digamos, essa tese. É muito impressionante porque tivemos cerca de quarenta milhões de brasileiros que ingressam no mercado de consumo que é, para nós, na classe média, aparentemente irrelevante, insignificante, o que significa ter um ventilador, ter um micro-ondas. Mas para quem vive sem ventilador, sem micro-ondas, sem uma geladeira, isso

⁹ **Ulysses Silveira Guimarães** (1916 – 1992) foi um político e advogado brasileiro, um dos principais opositores à ditadura militar. Foi o presidente da Assembleia Nacional Constituinte de 1987-1988, que inaugurou a nova ordem democrática, após 21 anos sob a ditadura militar. Foi presidente da Câmara dos Deputados em duas ocasiões distintas e também candidato à presidência da República na eleição de 1989. Inicialmente, apoiou o golpe de 1964, contra o presidente João Goulart, mas logo passou à oposição e passou a lutar pela volta da democracia. Ao lado de Tancredo Neves, Orestes Quércia, Leonel Brizola, Mario Covas, Fernando Henrique Cardoso, Luiz Inácio Lula da Silva e Franco Montoro, Ulysses liderou novas campanhas pela redemocratização, como a das eleições diretas, popularmente conhecidas pelo slogan "Diretas Já". Ulysses morreu em um acidente aéreo de helicóptero no litoral de Angra dos Reis, sul do estado do Rio de Janeiro, e seu corpo nunca foi encontrado.

¹⁰ **Alexis de Tocqueville** (1805 – 1859) foi um pensador político, historiador e escritor francês. Tornou-se célebre por suas análises da Revolução Francesa, da democracia americana e da evolução das democracias ocidentais em geral, sendo considerado um dos grandes pensadores do liberalismo. A sua obra sobre a democracia americana é fruto de uma viagem de nove meses pelos Estados Unidos. Após seu retorno à França, em fevereiro de 1832, escreveu Da democracia na América, que se tornou um clássico. **GOOGLE LIVROS 19.08.2024**
https://books.google.com.br/books/about/A_DEMOCRACIA_NA_AM%C3%89RICA_Tocqueville.html?id=ZitTEAAAQBAJ&source=author_description&redir_esc=y

pode ser absolutamente transformador da sua relação com alimentação, com planejamento, com compra, com o cotidiano, com filhos, com alguma coisa extraordinariamente relevante.

Então, com quarenta milhões de pessoas ingressando no mercado de consumo, a pobreza absoluta é reduzida exponencialmente e, pouco depois, quando no horizonte se coloca a possibilidade de que essas expectativas estão alimentadas pelo sucesso econômico e pela redistribuição, quando essas expectativas talvez se frustrem quando no horizonte há a sombra da possibilidade de decepção e de frustração, as ruas são inundadas em manifestações. O 2013 é um momento de inflexão importante em que há Babel nas ruas, claro, demandas de todo tipo, bandeiras de todas as naturezas, de todas as proveniências. Mas o fato é que o Brasil estremeceu a partir dali, não porque chegaria ao fundo do poço, mas porque estava melhorando, porque é assim que as coisas são.

Da impotência não se faz nada, não se faz insurreição. A impotência gera impotência, dor,

sofrimento, mais impotência. O sentimento de depressão da miséria mais absoluta produz mais depressão e não produz o impulso insurrecional de quem precisa ter vontade, acreditar em si na possibilidade de ação coletiva, ter ambições postas no horizonte. E veja que coisa extraordinária. O Brasil começa a se revolver, porque melhorara e não porque desceu a ladeira. Ao contrário, todos começam a sentir-se cidadãos, a ideia de direito começa a florescer como algo que pode ser objeto de reivindicação e, a partir desse momento, o que é que se consolida no Brasil? Isso é extraordinário, a teologia da prosperidade que afirmaram desde os inícios dos anos 1990 que seria possível, sim, sair da miséria, ascender socialmente, economicamente, ter acesso ao objeto de consumo, embora modesto, desde que a filiação à igreja se desse, se certos valores fossem respeitados, a igreja ajudaria.

Todo o discurso da teologia da prosperidade se mostrou absolutamente compatível com a experiência histórica das massas da sociedade brasileira. Em sociologuês, seria criar estruturas de

plausibilidade que conferiram verossimilhança ao discurso da teologia da prosperidade. Quem fez isso foi um certo projeto político contra o qual se batiam as igrejas que ressuscitavam a teologia da prosperidade. E o Brasil, então, tornou plausível, crível, mais ainda crível e plausível aquela fé. E no contexto de frustrações que se anunciavam, revertendo expectativas que haviam sido alimentadas pelo sucesso em vinte anos anteriores.

A confluência desses elementos se coloca. E quais são as atitudes predominantes? Uma chave foi a que você mencionou. Mencionei a da revolta meio insurrecional de quem tem sua expectativa frustrada porque estava em ascensão, mas a outra são os segmentos que não se beneficiaram, particularmente, nesse processo todo e que começaram a sentir a aproximação dos outros, das outras, dos desiguais. E viram a velha estrutura hierárquica desestabilizada em um país profundamente racista como o nosso, em um país profundamente classista, em que essa velha estrutura hierárquica continuava presente, embora a compaixão já tivesse ido para o espaço há muito tempo, substi-

tuida pela nova regência da indiferença, prenunciando o momento de colisão e de ódio lá adiante. Assim que eu vejo.

SANNY SILVA DA ROSA

Muito obrigada. Isso suscita tantas outras questões, mas acho que está na hora de a gente dar a palavra para quem quiser se manifestar, perguntar, enfim, comentar alguma coisa

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Temos uma pergunta do Silvio no chat. Você está vendo?

SILVIO BARINI PINTO (NO CHAT)

Boa noite, Luiz Eduardo. Gostaria de pedir a você que incluísse na sua reflexão o papel da tecnologia comunicacional nesse contexto de agravamento do maniqueísmo na compreensão de mundo. Não apenas os usos que são feitos da tecnocomunicação, o que inclui, obviamente, a difusão religiosa, mas também a lógica binária da programação das máquinas, como temos visto nesse seminário.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Eu até acrescentaria, para aproveitar essa observação de Sílvio, Luiz, a questão mesmo dessa transição de sentimentos e da perspectiva de ausência de sentimento nas máquinas, nos avanços. Como é que a gente reagiria a isso a partir dessa colocação?

LUIZ EDUARDO SOARES

Quem clica, quem move o celular, quem digita, quem, de alguma forma, se apropria manualmente, corporalmente, sensorialmente desse aparelho, experimenta um protagonismo de algum nível.

Mencionei, embora rapidamente, a importância das redes sociais, porque elas se nutrem do agonístico, da conflagração, precisam desse incêndio de acusações, não tanto das opiniões trocadas, mas das confrontações suscitadas, das acusações que geram tribunais virtuais e é dessa incandescência que se nutrem as redes. Precisam disso, os algoritmos são organizados de modo a que as mensagens mais difundidas sejam as que

suscitem mais explosões, acusações e conflagrações. E quanto mais elas geram conflagrações, mais alcançam sucesso, mais se disseminam, mais conflagrações geram e assim vão reproduzindo a disseminação e difusão das próprias redes.

O que estou dizendo é trivial, não é novo. Tenho competência para mais além, nada além dos truismos. Mas isso é absolutamente crucial, porque em um mundo anterior não virtual, o mundo não digital, os movimentos culturais se davam segundo outros diapasões: eram as regionalidades, as territorialidades, as localidades; os universos vicinais encontravam seus próprios ritmos de difusão, de sedimentação. E a conflagração não é o que rege o dinamismo, certamente. E aí as redes são fundamentais, são novas linguagens que apontam nesse sentido. Eu acrescentaria: há um aspecto muito interessante também, que é o da construção de mundos paralelos, os mundos das fake news e esses universos que se fundam no negacionismo ou na criação de teorias conspiratórias, que são parte constitutiva desse universo.

O que acontece é que a experiência do aparelho, do próprio objeto celular ou smartphone é fundamental, porque suscita a experiência do protagonismo. Quem clica, quem move o aparelho, quem digita, quem, de alguma forma, se apropria manualmente, corporalmente, sensorialmente desse aparelho, experimenta um protagonismo de algum nível e quando essa pessoa é convidada a participar de um grupo, e se esse grupo lhe oferece acesso ao segredo?

O que é o segredo? É aquela informação que ainda não é de todos ou que não pode ser de todos ou que não é de todos, que é privada ou que é restrita. Essa pessoa se sente ingressando em um universo, pertencendo a uma identidade, a um segmento, a um grupamento que lhe confere algum valor, alguma valorização, alguma identidade. E a experiência que passa a ser vivida é de uma lealdade, de um acesso restrito compartilhado que se amplia crescentemente porque suscita a lealdade na medida em que agrega e recebe cada visitante, acolhe cada navegante, cada interlocutor ou interlocutora. E essa interlocutora,

esse interlocutor devolve essa graça, devolve esse benefício que é a demonstração de lealdade, de gregarismo, de acolhimento, devolve na forma também de lealdade.

É isso que rege a relação com o conteúdo, não é credibilidade em si, substantiva, do que é enunciado no conteúdo, mas são essas relações de troca, de acesso ao mistério, ao segredo, ao que ainda não se sabe, ao que é efetivamente verdadeiro e que se dá a ver graças ao ingresso e ao acolhimento dessa pessoa que se sente, então, sujeito e protagonista de uma história que jamais lhe foi acessível. Essa história do Estado, da grande política, da grande guerra, da luta contra os grandes inimigos, chega à sua porta e a convoca, ou o convoca, pelo pertencimento ao grupo e à manualidade. A relação que o WhatsApp, por exemplo, permite, tem esse efeito agregador extraordinário, o que gera uma dissociação entre conteúdo da narrativa, do enunciado, e as comprovações empíricas ou com facticidades. O que está em jogo são as relações que ali se estabelecem e que ganham autonomia e com as consequências que conhece-

mos, porque isso poderia ser, até um certo ponto, compreensível e benéfico, saudável, digamos assim. Mas esse desgarre total, esse desgarrar total do enunciado acaba facilitando os processos negacionistas que conhecemos.

SANNY SILVA DA ROSA

Qual é o lugar da escola em um mundo que vai se aproximando ou vai sendo atraído cada vez mais por irracionalismos?

Eu sendo... como muitos aqui..., colegas e parceiros da área da educação, não posso deixar de fazer uma pergunta que se relaciona, em grande parte, com tudo isso que estamos fazendo, mas não do ponto de vista do diagnóstico, e sim do prognóstico. Em meio a tudo isso, Eduardo, em meio toda essa história que retorna e que se reatualiza sob essa forma de polarização política, enfim, de violência e tudo mais, e que, de algum modo, está na raiz do fato que acho que todo mundo ficou impactado hoje, ao abrir o jornal, ou ligar a internet, com o menino que chega à escola e mata uma colega, atira e mata e fere duas outras pessoas e

estremece, mais uma vez, por alguns dias, a sociedade. Qual é o lugar da escola em um mundo que vai se aproximando ou vai sendo atraído cada vez mais por irracionalismos? Qual é o nosso lugar, qual é o nosso papel? Ou, até onde ainda temos o que fazer?

LUIZ EDUARDO SOARES

Violência é uma questão masculina. Eu diria até mais: a masculinidade e a violência são duas categorias que se sobrepõem, que se retroalimentam, que são indissociáveis.

Pois é, somos colegas, porque fui professor a vida inteira. Essa também é a minha área, meu campo de atuação, embora eu não seja, como você, o estudioso da área, mas é a minha casa também.

Eu te diria que, mesmo que não soubéssemos até onde temos responsabilidade, até onde podemos ir, só nos cabe tentar continuar procurando reinventar esses limites e ir adiante. O que chamaria a atenção é para o seguinte fato: violência é uma questão masculina. Eu diria até mais: a mascu-

linidade e a violência são duas categorias que se sobrepõem, que se retroalimentam, que são indissociáveis. Não é problema das mulheres, não é problema do feminino.

Aí alguém dirá: "Não, mas há muitas situações em que as mulheres são responsáveis por atos violentos". É claro que sim, é claro que sim. Mas mais de 95% dos homicídios no mundo são perpetrados por homens. As guerras são conduzidas por homens. Esse fato é tão notório, é tão óbvio, é tão impressionantemente ostensivo que ele acaba escapando. E não dizemos, porque não costumamos dizer: "Respiramos o ar. Olha, estamos respirando o oxigênio". Sim, porque estamos vivos. Então não é preciso dizê-lo. Esse é um desses fatos evidentes dos quais não falamos e não falar nos impede de enfrentar a raiz da questão.

As pessoas falam das questões sociais, da desigualdade. Claro, isso tudo é relevante. Há milhões de aspectos relevantes, porque a violência não é um fenômeno unidimensional. Há tantas formas, tantas manifestações, tantas formas de também

compreender e denominar. Mas a violência, sobretudo em sua forma letal, intencional, a forma mais grave, sobretudo essa, é uma questão atinente à masculinidade. E não é, me parece, por acaso, que esse drama terrível de hoje aluda, justamente, a essa temática, a temática de gênero, a temática da transgressão dos gêneros, dos preconceitos homofóbicos, enfim, as formas de assimilação ou repulsão coletiva nos jogos da sociabilidade, das afirmações de sexualidade.

Constatamos que vivemos em uma fase em que tudo isso é muito agudo, porque alguns estão construindo e os outros se sentem provocados e ameaçados e desestabilizados pelas construções transgressoras dos outros, porque, justamente, não tem segurança nas suas próprias autoconstruções. Enfim, é um momento pantanoso, é aquele momento em que ainda não se é adulto, já não se é criança, se está no cruzamento de todas as vias hormonais, neuronais, imaginárias, em que desejos, fantasias, linguagens estão em ebulição formando o espírito e desafiando a nossa existência.

Pensar masculinidade em uma outra clave, desconstituí-la nas suas modalidades tradicionais, são tarefas fundamentais. Essa é uma tarefa da educação. Na família, seria isso, mas é muito difícil. É mais difícil que se dê ainda na família do que se dê na escola. Ao refletir sobre masculinidade, o que estamos falando? A minha enteada, Natália, é muito perceptiva, sensível. Ela é cientista social e quando nos vemos, por exemplo, vamos ao jogo de futebol juntos, ela está sempre atônita, estupefata, com os shows ridículos de masculinidade, shows de incompetência, de amadorismo, porque os sujeitos vão ser expulsos, vão ser punidos, vão receber cartões amarelos. São espetáculos inócuos de masculinidade, ociosos ou contraprodutivos. Mas são teatros performáticos de masculinidade.

Vocês já viram esse futebol feminino? É aquela necessidade da resposta virulenta para demonstrar sua força, porque a masculinidade depende dessa virilidade que se expressa na força e se ela tiver acesso a uma arma, ela é capaz de se transformar na fonte de uma violência maior. No trânsito, isso é muito evidente. No mal-estar de duas

masculinidades que se confrontam, sobretudo se houver um terceiro, mas nem é preciso que haja um terceiro assistindo, porque o terceiro está internalizado. Ser homem é não levar desaforo para casa, responder na mesma moeda, afirmar a sua superioridade. Esse é um jogo permanente. É muito difícil desconstituir isso apenas com reflexão.

Mas há muitas experiências interessantes que psicólogos, psicólogas, terapeutas e psicanalistas têm desenvolvido, formas coletivas de reflexão, de convivência dirigida em torno dessa problemática. Isso precisa virar verbo, palavra, linguagem. Isso precisa ser tematizado, narrado. Isso precisa virar seminário, documentário, filmes, debates. Isso é muito mais importante do que a história do Brasil, matemática, português, porque isso é vida e morte.

Agora, o fascismo brasileiro nos levou a que nem de gênero você pode falar, porque senão você está querendo instrumentalizar a criança para uma sexualização precoce. Todo tipo de estupidez está em voga e cerceando professores. Um

trabalho pela paz, pela construção de uma cultura de paz, é um trabalho de desconstrução dessa masculinidade tóxica. E as armas e o acesso às armas são o que exatamente potencializa a destrutividade desse espírito de masculinidade belicosa. Imagina um presidente com arma mostrando a sua virilidade e a sua exaltação do armamento como forma de afirmação de poder...

SANNY SILVA DA ROSA

... não é à toa que os eleitores de Bolsonaro eram, predominantemente, homens, brancos, enfim, de uma determinada faixa etária para cima...

LUIZ EDUARDO SOARES

... claro... e essa é uma questão que não é só dos homens, é também das mulheres.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

A indiferença é a negação do outro; o outro não funciona como um alter que me constitui, mas como alienus, aquele com o qual não tenho nada a ver.

Acho que, na verdade, essa perspectiva da educação é fundamental porque a gente aprende isso. Não é à toa que os homens são valorizados. E uma coisa interessante que a gente percebeu depois da conversa de Dora Kaufman e Rodrigo Murta¹¹, que falaram um pouco ali dos robôs, da influência dos chats. Uma pesquisa, não propriamente uma pesquisa, mas, na verdade, uma constatação que se faz é que os robôs têm quase todos eles nomes femininos. Os robôs são mulheres. E por quê? Porque é mais fácil mandar em mulher: "Alexa, acione tal coisa. Fulana, faça isso". Parece irrisório, mas aponta algo que vai na direção disso que você está trazendo, Luiz.

Acho que uma das primeiras coisas que você colocou reitera algo que a gente vem pensando: a questão da distinção entre violência e crueldade. A natureza é violenta. O mar irrompe contra a praia. O leão salta sobre a presa. Mas é porque isso é natural. Saramago¹² chamava a atenção para isso. E ele dizia, "No ser humano...", como você nos trouxe, "...não é violência, é crueldade. Porque é uma violência planejada, intencional". E por que

11 Terceiro encontro desta série, *Mundo e metamundo*. Como entrar nas artificialidades e sair delas humanamente? Os novos donos do mundo: humanos ou robôs? Que criadores estão criando que criaturas artificiais? Que criaturas artificiais estão se transformando em criadores? Criadores de quê? O novo controle da humanidade. Politicamente, compra-se, vende-se, mata-se à distância, em obediência ao capital?

12 **José de Sousa Saramago** (1922 - 2010) foi um escritor português. Recebeu o Nobel de Literatura de 1998. Em 1995, ganhou o Prêmio Camões, o mais importante prêmio literário da língua portuguesa. Saramago foi considerado o responsável pelo efetivo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa. O seu livro *Ensaio sobre a cegueira* foi adaptado para o cinema e lançado em 2008, dirigido por Fernando Meirelles (realizador de *O fiel jardineiro* [filme] e *Cidade de Deus*). *O Memorial do convento* foi adaptado numa ópera de Azio Corghi, *Blimunda*, apresentada no Scala de Milão em 1990

planejar? Porque é assim que a gente é ensinada. É dessa maneira que apareço, onde gera esse alinhamento, que é esse elemento da transição de que você nos falava.

Eu estava dizendo ao Luiz, quando conversamos na semana passada, que uso muito um texto dele em um livro dos anos 80, que se chama *Desafio ético*¹³, onde ele conversa com Frei Beto¹⁴ e Jurandir Freire Costa¹⁵. Jurandir fala nisso. A indiferença é exatamente essa negação, digamos, do outro; o outro não funciona como um alter que me constitui, mas como alienus, aquele com o qual não tenho nada a ver. Quando você fala que ética é mais importante do que português e matemática, porque é importante na atitude do professor de português, de matemática, seja lá o que for. É essa dimensão ética que acho que pode nos fazer problematizar isso que você aponta, e que a gente fica dizendo: "Será mesmo?" Digo: "Não encontro essa crueldade na mulher."

SANNY SILVA DA ROSA

Fernando Rios colocou aqui uma questão no chat.

FERNANDO RIOS

Houve um tempo em que a comunicação de massa pautava o comportamento, sobretudo no que diz respeito ao consumo. Não perdemos o vício do consumismo. Quem o combate com mais intensidade são os fundamentalistas pentecostais que estimulam o consumo de seus produtos. Hoje temos vários níveis de comunicação. Como você interpreta o país com tantos grupos e tantos canais? Para onde foi a comunicação de massa diante dos particularismos que a tecnologia da comunicação permite?

LUIZ EDUARDO SOARES

Quando a ideia da construção de uma sociedade passa ao largo do que é comum, do que é público, sobra a força, a arma e a tirania.

Pois é, Fernando, essa é uma grande questão. O fato é que acabamos entre dois polos que são negativos. Quando a comunicação é monopólio, ela, evidentemente, cerceia a liberdade e a pluralidade democrática e submete a opinião pública a torções, a inflexões ditadas por interes-

13 O DESAFIO ÉTICO

FREI BETTO, JURANDIR FREIRE COSTA, LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO, LUIZ EDUARDO SOARES.

Editora Garamond, Rio de Janeiro, RJ, 2000.

Hoje, sobre o fio da fronteira entre dois milênios, estamos diante de um novo paradigma civilizatório com o qual não aprendemos a lidar. E que parece desafiar o gênero humano, tal como a esfinge ao jovem Édipo: "Decifra-me ou te devoro". Isto porque lidar com esse novo paradigma é uma aposta de ordem intelectual, política e sobretudo ética cujo fracasso pode trazer consequências nefastas para o conjunto da humanidade. Neste livro, cinco dos mais importantes intelectuais brasileiros, Luís Fernando Veríssimo, Frei Betto, Luiz Eduardo Soares, Jurandir Freire e Cristovam Buarque, enfrentam este desafio, lançando sobre os paradoxos éticos do nosso tempo um olhar luminoso e, ao mesmo tempo, radicalmente crítico. Uma obra que já se inclui entre o que de melhor se produziu sobre a condição brasileira.

LIVRARIA 30 POR CENTO

<https://30porcento.com.br/livro/8586435317-DESAFIO-ETICO-0>

14 Carlos Alberto Libânio Christo, ou Frei Betto (1944), é um frade dominicano, jornalista e escritor [2] brasileiro. Professou na Ordem Dominicana, em 10 de fevereiro de 1966, em São Paulo.

Adepto da teologia da libertação, é militante de movimentos pastorais e sociais, tendo ocupado a função de assessor especial do presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva entre 2003 e 2004. Foi coordenador de mobilização social do programa Fome Zero. Esteve preso por duas vezes sob a ditadura militar: em 1964, por 15 dias; e entre 1969-1973.[4] Após cumprir quatro anos de prisão, teve sua sentença reduzida pelo STF para dois anos. Sua experiência na prisão está relatada nos livros *Cartas da prisão* (Agir), *Diário de Fernando - nos cárceres da ditadura militar brasileira* (Rocco) e *Batismo de sangue* (Rocco). Frei Betto recebeu vários prêmios por sua atuação em prol dos direitos humanos e a favor dos movimentos populares, entre eles, Prêmio Jabuti 1982, Prêmio Juca Pato (1985), Ordem de Rio Branco (2023).

WIKIPÉDIA 12.04.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Frei_Betto

15 Jurandir Sebastião Freire Costa (1944) é um médico psiquiatra, professor, escritor e psicanalista brasileiro. Recifense, formou-se em medicina na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Fez seu mestrado na área de etnopsiquiatria na École Pratique des Hautes Études, em Paris na França. Em 1996, doutorou-se em saúde pública na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Suas linhas de pesquisa e trabalhos costumam abarcar temas como psicanálise, subjetividade, Donald Woods Winnicott, corpo e mente. Alguns livros: *Ordem médica e ordem familiar* (Graal, 1981), *Violência e psicanálise* (Graal, 1984) e *Psicanálise e contexto cultural* (Campus, 1989). É considerado um dos principais psiquiatras no país. Em 1996, recebeu o Prêmio Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, com o livro *A Face e o verso*, na categoria de Ciências Humanas.

WIKIPÉDIA 12.04.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jurandir_Freire_Costa

ses econômicos, políticos. A pluralidade é fundamental. Por outro lado, quando a pluralidade se esgarça e a multiplicidade alcança esse nível de fragmentação, o risco que corremos é o da desconstrução completa do espaço público, desse espaço comum. Aliás, a ideia do espaço comum, que é indissociável da própria ideia de cidadania e democracia, para nós, no Brasil, é uma construção muito delicada, muito difícil, muito desafiadora. Hoje, felizmente, isso está recuando um pouquinho, está perdendo predominância, mas, até pouco tempo atrás, o comportamento na rua das pessoas era marcado por tratar esse espaço nosso, portanto, comum, não como espaço comum, mas como espaço de ninguém, porque não é meu, não é seu, então não é de ninguém. E o espaço de ninguém é o lixo. Então as pessoas jogavam o lixo na rua, mas com a maior sem cerimônia, sem nenhum pudor.

Ainda há isso, mas bem menos. Isso é muito significativo. Isso mostra que o que é comum não é visto como coletivo, compartilhado, a ser cuidado por todos, mas como aquilo que, não

sendo de ninguém, deve ser, portanto, relegado e abandonado. Há uma conexão entre essa hiperfragmentação das comunicações das construções de realidade e quase uma negação comum do espaço público. O espaço público, eminentemente, é o espaço político, o espaço da cidade. Quando a política ela mesma, que é o espaço comum, não é valorizada, ela é depreciada e até repudiada ou criminalizada. Quando a ideia da construção de uma sociedade passa ao largo do que é comum, do que é público, sobra a força, a arma e a tirania. Estamos entre esses dois polos, Fernando, ou o monopólio ou o estilhaçamento. Como é que isso vai ser superado? De alguma maneira, vamos ter de encontrar meios para construir, preservando a liberdade da fragmentação, do estilhaçamento, que pode ser também vivificador e fecundante, para recuperar um espaço comum com meios de comunicação que possam respeitar a pluralidade, portanto, meios que não sejam monopólios, nem de grupos econômicos, nem de famílias, e que tenham capacidade de alcance amplo.

SANNY SILVA DA ROSA

Tem mais alguma pergunta aqui? Se não tem, fiquei com vontade de fazer. Provocada por essa última fala e pelas questões levantadas pelo Fernando. Você estava tocando nessa questão do espaço público. Quando discuto isso com os meus alunos, também faço algumas imagens do cotidiano, lanço mão dessas imagens. Digo que é muito comum a gente ver alguém varrendo a calçada de dentro para fora. Eu vejo meus vizinhos, varrem a calçada de dentro para fora. Nunca vejo as pessoas recolhendo lixo. E quando eu vejo, eu digo: "Puxa, que interessante você varrendo de fora para dentro da sua casa." Porque essa atitude revela um posicionamento diante do outro, do que é coletivo.

Jacques Rancière¹⁶, eu sei que a Terezinha gosta dele, gosta muito. Ele tem um livro, já tem algum tempo, é de 2014, que se chama *O ódio à democracia*¹⁷. Não é o ódio ao outro, mas o ódio à democracia. E ele começa falando que a democracia sempre foi combatida e fixa aquela frase - ela é o pior dos governos, com exceção de todos os

outros - que foi dita por Churchill.

Ele discute no livro a ideia do ódio à democracia contemporânea. E diz o seguinte, vou pegar literalmente aqui.

[Mas] o novo sentimento antidemocrático traz uma versão mais perturbadora [da fórmula]. O governo democrático, diz, é mau quando se deixa corromper pela sociedade democrática que quer que todos sejam iguais e que todas as diferenças sejam respeitadas. Em compensação, é bom quando mobiliza os indivíduos apáticos da sociedade democrática para a energia da guerra em defesa dos valores da civilização, aqueles da luta das civilizações. O novo ódio à democracia pode ser resumido então em uma tese simples: só existe uma democracia boa, a que reprime a catástrofe da civilização democrática.

Gostaria que você comentasse...

16 Jacques Rancière (1940) é um filósofo francês, professor da European Graduate School de Saas-Fee e professor emérito da Universidade Paris VIII (Vincennes-Saint-Denis). Seu trabalho se concentra sobretudo nas áreas de estética e política, ligado ao pós-marxismo e pós-estruturalismo. Aluno de Louis Althusser, participou, em 1965, da elaboração de *Lire le Capital* (Ler O Capital), juntamente com Étienne Balibar, Roger Establet, Pierre Macherey, além do próprio Althusser. No final dos anos 1970, Rancière organiza, com outros jovens intelectuais, como Arlette Farge e Geneviève Fraisse, o coletivo *Révoltes logiques* que, sob a inspiração do poeta Rimbaud, questiona as representações tradicionais do social e publica a revista, *Les révoltes logiques*.

WIKIPEDIA 12.04.2024

https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacques_Rancière

17 O ÓDIO À DEMOCRACIA

JACQUES RANCIÈRE

Boitempo Editorial, São Paulo, SP, 2014, p.10-11.

LUIZ EDUARDO SOARES

Provoca-se uma explosão atômica quando se dissociam corpo, gênero e sexo. Isso é apavorante para quem tinha tudo definido e arranjado no fundo de si mesmo, no plano inconsciente, inclusive.

É muito difícil o convívio com a alteridade, com o que nos desafia. Acredito que o ingrediente fundamental que esteve presente no Brasil e nos ajuda a compreender os caminhos autoritários que a sociedade brasileira vem assumindo crescentemente é um dos elementos, para mim, fundamentais e muito pouco reconhecidos: falamos de tantos outros até aqui, elementos da economia, projeto neoliberal, a estrutura do escravagista que nos legou o racismo estrutural, o patriarcalismo, entendido de modo mais tradicional, os problemas políticos e a construção da indiferença na meritocracia. Mas acho que não tratamos de um fator decisivo: os movimentos feministas e os outros movimentos que envolveram a emancipação individual, a liberdade de autoconstituição, a estética de si, da autoexpressão, LGBTQIA+ e

todas as variedades de realização pessoal.

Todos esses movimentos subverteram algumas crenças muito profundamente arraigadas, mas, se fosse só isso, não seria o bastante para provocar tanto ódio, tanto medo, pavor e tanta reação. Porque não é da crença que se trata, é da constituição de si e da insegurança mais profunda e radical quanto à constituição de si. Quando eu, o macho, eu, o homem-pai, percebo que corpo, sexo e gênero não estão necessariamente sobrepostos, reajo.

Explico. O corpo não indica, pela anatomia, um destino inexorável. Nasceu com essa composição morfológica anatômica, então é homem ou é mulher, e sei o que posso esperar de um e de outro gênero. Esse corpo está associado a um gênero que tem obrigações sociais, funções, direitos, deveres, tem um horizonte de comportamentos, variação, repertório. E o sexo. O sexo é o que conhecemos, que tem os seus limites, suas ordens e desordens próprias confinadas ali àquele seu território. É isso. Então, vamos antecipar um des-

tino para o homem, para a mulher: o casamento dar-se-á dessa maneira, a família vai se construir assim e assado.

Quando, entretanto, a sociedade diz, a história afirma que o corpo e a anatomia não constituem um destino inevitável, porque ele pode ser reinventado, reprocessado, redefinido, experiencialmente, o gênero pode ir para o espaço. Porque você tem os que conhecemos, mas você pode não se reconhecer em nenhum deles. Isso é uma classificação de histórico social, por isso você pode inventar terceiros ou querer mandar às favas as classificações. E a sexualidade é um campo de experimentação em trânsito permanente que não assegura a ninguém uma autoimagem ou uma definição de si, ou uma identidade A, B ou C, a não ser para os jogos sociais absolutamente artificiais, porque é um campo de experimentação, um campo privado de experimentação que não está demarcado, previamente, e que se conjuga com afetividades diversas.

Então, você provocou uma explosão atômica e

dissociou corpo, gênero e sexo. Isso é apavorante para quem tinha tudo isso definido e arranjado no fundo de si mesmo, no plano inconsciente, inclusive. E isso é tão desestabilizador que corresponde a uma revolução muito mais profunda do que qualquer outra revolução social, econômica e política para o indivíduo no sentimento que tem relativamente a si mesmo.

Assim, o macho, o brasileiro patriarca, macho que pode ser uma mulher, estou falando da identificação, essa figura vai se constituir em um pai autoritário, que emerge no campo público e que inscreve na política essa questão como um reparador universal. Essa pessoa vai restaurar a unidade de sexo, gênero e corpo, vai restituir essa unidade fraturada ou perdida e vai fazer com que então coincidam a essência humana, o que é a natureza humana verdadeira e o que é a vontade de Deus no primeiro testamento. Pronto. Fechamos essas três partes. E essa figura, capaz de inconsciente e simbolicamente exercer esse papel na sua performance, no seu discurso, está se comunicando com a sociedade brasileira de uma forma muito

profunda. Essa figura é Jair Bolsonaro.

Ele se comunica profundamente com essa demanda por ordem. Vejam, não é ordem da segurança pública. É a ordem ontológica, uma "ordem natural", entre aspas, essencial, a ordem humana que estava sendo subvertida por todos esses subversivos que são essas mulheres, que são esses desgarrados do ser, esses demoníacos, que reinventam essas coisas e produzem abismos para nós mesmos, que aí perdemos o chão, as ancoragens ontológicas.

Isso, para mim, é muito importante. E muito da nossa violência tem a ver com a nossa incapacidade de lidar com a nossa própria insegurança, com o nosso desespero, diante dos abismos com os quais não sabemos como lidar. Esse menino de hoje, por exemplo, é o desespero que o leva a um desatino de assassinar uma colega.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Nosso tempo está terminando, mas quero pegar uma carona nessa última fala de Luiz para anun-

ciar o nosso encontro da quarta-feira em que teremos Marília Duque, uma doutora em comunicação que faz pesquisas relacionadas exatamente a esse significado do corpo nas relações. O título é: *Consciência natural e inconsciência artificial? O corpo natural numa mente artificial?* Fica aí o convite para todo mundo.

SANNY SILVA DA ROSA

Tenho a impressão de que vocês combinaram com o Luiz para ele encerrar com esse raciocínio e já chutar a bola para o próximo encontro da quarta-feira.

Quero agradecer mais uma vez a confiança de Terezinha e de Fernando de colocar nas minhas mãos a responsabilidade de mediar este debate. Fiquei muito feliz de poder conversar. Não nos conhecemos pessoalmente, mas virtualmente e, pelo menos, pudemos trocar ideias, Luiz. As suas produções são muito importantes para nós na área da educação que vemos essa questão ampliada. E quero agradecer também, em nome de todos, dos organizadores deste ciclo de pales-

tras, a participação dos nossos convidados aqui e
desejar boa noite a todo mundo.

LUIZ EDUARDO SOARES

Muito obrigado.

FLAVIA PRANDO

Boa noite, até a próxima. Boa semana.